

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4515

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

NÃO PASSARÁ!...

Em um artigo turístico sobre o Castelo da Feira, inserto no *Janeiro*, acompanhado de boas fotografuras, voltou a teima — de que, deste castelo, «teria partido» a independência de Portugal.

A frase condicional, «teria partido», é abonada pela autoridade do patriarca da História de Portugal, Alexandre Herculano.

É evidente que todos nos curvamos perante o alto saber do mestre. Não é, porém, de consentir que, à sombra de uma «hipótese», se especule. E especulação é que, à sombra da dita hipótese, se dá destaque a este raciocínio, formulado no citado artigo do *Janeiro*:

«Não há documentos a comprovar ter sido o Castelo (da Feira) o foco da conspiração; mas onde eles faltam, a tradição faz história».

Pretende o autor do artigo, dizer na sua:

A tradição está a favor do Castelo da Feira. Ele foi «o fulcro da conspiração que levou o jovem Afonso Henriques a revoltar-se».

Semelhante afirmação está errada!

A verdadeira tradição está inteiramente pelo Castelo de Guimarães!

Oito séculos de história pátria proclamam, ter sido o Castelo de Guimarães o fulcro do notável movimento de resgate da suzerania de Afonso VI, de Leão e Castela, pela independência do condado portugalense.

Só uma *falsa tradição* contestaria esta verdade histórica!

Ainda mesmo que tivéssemos de aceitar o condé Ermigio Moniz, alcaide do Castelo da Feira, como uma figura central da conspiração que projectou a Batalha de S. Mamede, mesmo assim não se deslocava a primazia que, no sucesso bélico, teve o Castelo de Guimarães.

Anda este feito, celebrado no Canto camoneano:

*De Guimarães o campo se tingia,
C'o sangue próprio de intestina guerra*

Todos quantos não ignoram a história da fundação da nacionalidade, sabem ter sido o conde D. Henrique e sua esposa, a Rainha D. Teresa, o germe da independência de Portugal. Mesmo, depois da morte do conde D. Henrique, a Rainha viuva continuou, sem descanso, lutando pela independência — contra tudo e contra todos!

Sendo, pois, estes factos, valores incontroversos da História, é ajudado por eles que a tradição sustenta, há oito séculos, — ter sido Guimarães o fulcro central de todo o movimento que projectou a independência do condado portugalense.

Accepta-se que os alcaides dos castelos da Feira e de Neiva, apoiassem o infante D. Afonso. Igualmente ajudaram outros grandes cavaleiros, tomando na conspiração papel destacante o Primaz, arcebispo de Braga, em cuja Sé afirmam os bracarenses — se juntaram os magnates, antes do prelúdio de S. Mamede.

Tudo isto o vem afirmando a tradição, há oito séculos.

Ter-se-á formado no Castelo da Feira outra memória que rebata a tradição fulgurante do Castelo de Guimarães?

Quando nasceu, desde há quantos anos se fala nessa tal tradição da Feira?...
E não se olvide este outro facto de natureza histórica, anterior à Batalha de S. Mamede:

Posto duro cerco ao Castelo de Guimarães pelo rei D. Afonso VI, a atitude tomada por D. Afonso Henriques, não teve a inspiração do Ermigio Moniz, alcaide do Castelo da Feira. Daí a legenda da lealdade de Egas Moniz.

Acaso a tradição, evocada pelos partidários da Feira, desconhece esta efeméride da História? E de admitir que, onde não há História, a tradição a substitui. Mas o que abona o Castelo de Guimarães, como fulcro principal e precursor da independência do condado portugalense, não são ecos de tradições, vozes de tradição. São os factos históricos, os sucessos, os acontecimentos. Estes falam por si, há oito séculos!

Contra esta fundamental certeza, por vezes se solta ao sabor dos ventos o grito irreflectido:

— Foi, no Castelo da Feira, que nasceu Portugal!

Esta «frase feita» embate contra as paredes do Castelo de Guimarães. E este, impávido, manda de

recochete à procedência o grito ousado e blasfemo.

Viveu séculos o Castelo de Guimarães, sem que houvesse quem lhe contestasse toda a primazia na glória da Fundação. Um dia quiseram que o Castelo da Feira tomasse a melhor parte dessa glória.

Não lho consente Guimarães!... Disse o dr. Jaime Lopes Dias, no acto inaugural do monumento a Viriato, em Viseu:

«Não há muito ainda, houve quem contestasse a nossa ascendência lusitana, discutisse a origem do grande caudilho e pusesse em dúvida o valor histórico deste lugar célebre, a *Cova de Viriato*».

Ponho em paralelo este facto, com aquele que obstinadamente quer fazer crer — foi o Castelo da Feira o germe da independência nacional.

Não falta quem, à míngua de valor próprio, se queira armar com o mérito alheio.

Furtos são estes que, não levando à cadeia os seus autores, alijam os ao monturo do seu ósio.

Ora pois, assentemos nisto: Guimarães não dorme! Está alerta contra os surripadores de glórias alheias:

O nosso património, de berço imortal da Nação, é, pelos Vimaraneses, ciosamente guardado!

Gerações sucessivas o têm protegido. Não será, nesta emergência, que o deixaremos profanar, reduzir.

Toda a Nação encara o Castelo de Guimarães como símbolo sagrado da gestação do reino português. E este reconhecimento oficial, tomou foros de verdade incontestada.

Ainda agora, é o Brasil que manda um seu delegado directo a Guimarães, na missão diplomática de convidar o nosso Presidente do Município a ir à capital da República Brasileira — como representante da terra que foi berço da nacionalidade portuguesa — para ali tomar parte num acto da sua vida política e administrativa.

Em face destes belos testemunhos de homenagem à nossa terra vimaranense — como querem que eu deixe em paz e às moscas os usurpadores do nosso melhor padrão de glória!

A. L. DE CARVALHO.

COCKTAIL

Conselhos práticos

BRUNIR

Para esmagar as costuras e passar grandes superfícies, o ferro deve ser grande e pesado. Para as guardanets, folhos, rendas ternas — um mais pequeno, de bico bem pronunciado. — O ferro eléctrico é o

GAZETILHA

Falta de luz...

(Aos Charadistas)

Não por falta de amizade, mas de passá-la não gosto; e quedo ali no Proposto, carpindo minha Saudade...

E apesar da minha idade, à beirinha do sol-posto, inda não tenho o desgosto de ir morar noutra Cidade...

Mas se fôr p'ra sepultura, e a Rua estiver escura, é que vai ser alegria!

— Irão levar-me os parceiros para as bandas de Caneiros, à procura da Atougala...

Ortigão.

HORA DE INVERNO

Com o atrazo de 60 minutos nos relógios, começo a vigorar na madrugada de hoje a hora de inverno.

Cinco de Outubro 1910-1956

— Aos seus Vivos
e à Memória dos seus Mortos —

*Canta, meu galo d'ouro!... Alerta!... E' a Alvorada!...
Olhai como é Maior a nossa Pátria Amada!
Canta, canta este Sol esplendoroso e rubro!
E' o Sol da nossa Alma, é o Sol Cinco de Outubro!
Ouvi o Povo Herói de olhos alegres, francos,
Os filhos da Ralé que foi de Guarda aos Bancos,
Como ele canta alto, ardente e com firmeza,
Os Versos Imortais da nossa Portuguesa!
Olhai na galeria imensa da Saudade
As Sombras dos que estão no Campo da Igualdade:
Insignes Professores, famosos Cientistas,
Poetas singulars e geniais Artistas,
Soberbos Generais, altivos Marinheiros,
Todo esse Escol Maior dos Homens Verdadeiros!
Vede, vede a Bandeira, o símbolo da Raça,
Liberta da coroa, olhai como esvoaça
Num gritante Arrebol e Verde de Esperança!
Olhai aquela ingénua e tímida criança
Com seus cabelos de ouro, olhos de anil dos céus,
Iluminada em Luz da Luz João de Deus!
Toda esta Pátria, agora, é a Pátria de Camões,
Não são precisos reis nem párias vendilhões!
A escuridão abriu-se em mundos de clareiras,
O corvo não crocota e já não há toupeiras!...
Há Vida, há Sol, há luz nos velhos Idealistas
Crivados de labéus por zoilos e sofistias!...
Precisa a Pátria só de braços como Anteus!
Quando na terra há Pão na nossa Alma há Deus!*

*Canta, meu galo d'ouro!... Alerta!... E' a Alvorada!...
Olhai como é Maior a nossa Pátria Amada!*

Outubro de 1956. Delfim de Guimarães.

O meu agradecimento

Pelo P.º Manuel Matos.

Com a data de dois de Outubro, acabo de receber uma carta que a Senhora D. Emília Barroso dos Santos Martins, residente na cidade do Porto, nos endereçou e que merecidamente publicamos:

Senhor P.º...
Li o seu artigo no «Notícias de Guimarães», de 30 de Setembro.

Perfeitamente de acordo com o mesmo. E para o fim desejado junto a pequena quantia de 20\$00, fazendo votos sinceros para que o seu apelo seja compreendido pelos demais leitores do jornal «Notícias de Guimarães».

Peço-lhe só uma pequena oração pela alma de meus queridos pais.

Atenciosamente, subscreve-se,
Emília B. dos Santos Martins.

A minha resposta

Desculpe-me, minha senhora, por dar publicidade à sua carta.
Disse Jesus que não veja a mão esquerda o que dá a direita... mas também afirmou que é necessário que todos «vejam as vossas boas obras».

V. Ex.ª não foi a primeira, mas não quis ser das últimas, a corresponder ao meu apelo humilde.

Outros já haviam, pessoalmente, acorrido com a sua esmola.
Verifico com profundo prazer espiritual que a «semente caiu em boa terra», para me servir de uma passagem do Evangelho.

Nem tudo é egoísmo, graças a Deus.
Ainda há almas que sentem as realidades.

O Zézito, a quem enviei a carta de V. Ex.ª, ficará rezando por si e por todos os benfeitores.

A sua primeira missa há-de ser por quantos o ajudaram a subir os degraus do altar.

É nas terras de Africa, ensinando a doutrina de Jesus aos pretinhos de alma branca, misturando os seus suores com as suas fervorosas orações, será um candelabro ardente, posto por nós, deante de Deus.

Eu creio em Deus que esta «boa obra» que todos vamos fazer — formar um missionário — nos há-de merecer a Eterna Salvação.

Por mim, rezarei sempre pelas intenções daqueles que me quiserem ajudar nesta empresa.

Perdoe o servir-me das colunas do jornal para lhe agradecer as palavras e a esmola.
De V. Ex.ª, com muita estima,
P.º Manuel de Matos.

E vós, amigos leitores do «Notícias de Guimarães», os que já pensastes em corresponder ao meu apelo — não vos esqueçais.

A esmola redime os pecados, disse o apóstolo S. Tiago.
Sei que muitos não querem que os seus nomes sejam citados.
Respeitaremos, em absoluto, essa modestia.

Mas... que a esmolinha não demore.



Novais Teixeira a discursar no jantar

Conforme noticiámos, realizou-se há dias, nesta cidade, um jantar de confraternização que constituiu uma festa enternecedora, por se haverem reunido em fraternal convívio, muitos amigos de infância irmanados nos mesmos sentimentos de sã estima.

Nessa reunião, a que deu motivo a vinda a Guimarães, após uma longa ausência de quase trinta anos, do nosso conterrâneo e ilustre jornalista Joaquim Novais Teixeira, a quem saudaram, no decorrer do jantar, os srs. A. L. de Carvalho, Francisco d'Assis Pereira Mendes, dr. José Pinto Rodrigues, Coronel António de Quadros Flores, Manuel Alves de Oliveira, António de Sousa Lima, Antonino Dias de Castro e Luis Gonzaga Pereira, seu velho professor, o nosso Novais Teixeira disse a todos os presentes, seus amigos:

Meu querido professor, rapazes, meus amigos:

O Quim Teixeira está aqui de novo e presente, como sempre!

Quando o Antonino, este devotado Antonino, que todos nós conhecemos e apreciamos, me falou nesta concentração da minha infância, eu logo lhe impus esta condição:

Nada de discursos!
E nada de discursos porque, depois de toda uma existência passada longe de vocês, depois de ter atravessado várias vezes os mares da terra e da vida, e ter chegado finalmente a este lindo e calmo porto da minha meninice, o ver-me metralhado de adjectivos, sempre sinceros, mas mais ou menos justos, era uma passagem na cena que brigava violentamente com a simplicidade daquele Quim do Largo da Oliveira, com quem vocês cresceram juntos, simplicidade, aliás, que sempre tenho procurado preservar na vida.

Mas, meus velhos amigos, a concentração familiar — da família da minha infância — de que me havia falado o nosso Antonino, excedeu, de longe, a minha expectativa, e parece também que a dele.

A força do número, que convença, mas nem sempre vence — como diria Oliguer de Unamuno — desta vez venceu e obrigou-me a dizer-vos duas palavras.

Aqui estou de novo, e aqui estou com as minhas cartas de nobreza e toda a minha coroa de glória. A vida não me aumentou nem uma mais.

Todos vocês as conhecem. Eilas.

Quim Teixeira, neto da D. Rosinha Sirqueira, filho do Cap. Teixeira, sobrinho do General Flores, vizinho de sr. Antoninho guardas-

— Não — respondeu-me ela — o senhor não é o Quim. O meu Quim está em Guimarães com a Avó.

Ora, Guimarães, a palavra Guimarães, o nome de Guimarães valeceu na sua memória sobre o do seu Filho, ou por outra, na luminosa inconsciência do recordar de sua alma adormecida, permanencia ainda esta trindade: a Mãe, o Filho e Guimarães.

E quando eu, junto de Ela, lhe canto o Hino das Gualterianas, acompanhando-me sem esquecer uma nota, e se o interrompo, continua o sózinha, como num enlevo.

Guimarães tem sido sempre também uma das constantes da minha vida. Em toda a parte me dou a conhecer como homem de Guimarães. E, em toda a parte, me conhecem como tal.

Quando alguém me pergunta se sou português, é do meu hábito — e da minha verdade — responder: «Não, não sou português, sou mais do que isso, sou de Guimarães!»

Com efeito, sou de uma pátria pequenina e sólida chamada Guimarães, que tem por limite Vizela e Caneiros, a Penha e a Pisca. O resto, meus velhos amigos, é a fronteira de um outro mundo.

No amor pelos homens, e na defesa dos seus direitos e dignidade, não reconheço fronteiras. Mas a minha Pátria, a Pátria que me faz vibrar, a minha Pátria autêntica e forte é a Pátria da minha infância, é Guimarães!

Ainda ontem tive a honra invejável — que todos vós invejais, estou certo disso — de beijar a mão

Enviá-la para o «Notícias de Guimarães» ou para o Seminário de Montariol — Braga.

Quem não quiser confiar à sua consciência a beleza de uma boa acção?

O Zézito é pobre... mas tem uma alma magnífica.
Ele será a «nossa candeia acesa» diante de Deus.
Vamos ajudá-lo?
Responda o nosso coração.
Entretanto, a quantos já ouviram e corresponderam, os meus sinceros agradecimentos.

N. da R.
Para o apelo do nosso ilustre Colaborador Rev. Padre Manuel de Matos, foram recebidos e já entregues mais os seguintes donativos dos nossos leitores: Francisco José Ferreira Barbosa, 20\$00; D. Maria Félix, 20\$00; João Ayres de Sousa Pereira Guimarães, 20\$00. Registamos e agradecemos.

Na agonia e morte do Burguês

Por EDUARDO D'ALMEIDA.

Falou-se acima *Balzac*. Pois assim com ele aconteceu. Com *Balzac*, «um dos mais poderosos criadores da arte literária e dos mais esforçados pesquisadores do carácter humano», o altivo aristocrata fiel ao realismo absoluto, e elegante narrador — *Le Sieur de Balzac* — de *Les Contes Drolatiques*, e feudal no seu asco psicológico e até mesmo físico do lavrador rural, do pobre jornalista de aldeia — *Les Paysans*, *Le Médecin de Campagne* —, o romântico e piedoso autor de *Le Lys dans la Vallée* e de *Séraphita*, o imaginoso empresário de negócios em permanente estado de azar, carência e amargo desgano, emburguezando-se na formidável e gloriosa criação de «uma cidade inteira — uma grande cidade... formigante de gente apaixonada e interesseira», «uma cidade burguesa», onde, «pelo complexíssimo fenómeno da transformação política e social», se estabelece «uma nova aristocracia, a do dinheiro», «em que se luta desesperadamente pelo dinheiro», subindo e descendo, vertiginosamente, «uma ginástica afoita, uma alta acrobacia de fundos» em que «o parámetro é o banqueiro». (*Fidelino de Figueiredo* — *Balzac de Cor* — separata de «La Revista de Estudos Franceses», Universidade Nacional de Cuyo — n.º 6 — 1921). Como diz este Professor insigne a biografia romanceada, de *Stephan Zweig* (o *Zweig* que em agónica nostalgia, vencido pela desilusão e acometido de espasmos da incerteza do desconhecido, evocaria docemente o burguês *Mundo de Ontem*, e a ansia da geração intelectual moça pela aventura do desconhecido na delícia da incerteza...) — que eu só conheço na adaptação portuguesa de *Drei Meister*, de 1920, e de *Balzac e Dickens*, na edição francesa de Kra, e não da obra póstuma, publicada com a intervenção de *Richard Friedenthal*, em que lhe atribue a emulação de Napoleão na insaciável e orgulhosa conquista do mundo pelo poderio do seu esforço, e talvez pela ambição da opulência — não guia nem pode auxiliar são critério à interpretação da sua obra: como a desvirtuam *Karl Marx* e *Engels* como havendo ela por objectivo a condenação do mundo capitalista, na pugna pela libertação do homem.

Em *Camilo e Eça* as figuras e a vida burguesa, doméstica e pública, são episódicas, fragmentárias, sem impedimento de um justo e muito apreciável valor, como *depoimentos* para a apreciação histórica de transformações sociais em que a burguesia, já decadente e muito outra do que fora, até logo ao abrir do século XIX em Portugal e sobretudo em 1820, tomava uma parte activa, ainda então, mesmo assim, com certa preponderância social — com o seu Código Commercial, com o seu Tribunal do Comércio, com o seu Júri eleito pelas Associações Comerciais, com sua intervenção política, pela engrenagem das máquinas eleitorais, no Parlamento e no Governo, com os seus Bancos e os seus Jornais de grave ponderação, muito cotados no Porto e em Lisboa. Grandeza aparente, simulada, no fundo inquieta, pressentida, como todas as grandezas legisladas, oficializadas e burocratizadas na rotina do moedor vazio de grão, do rolo de cobre com os dentes partidos em velha caixa de música.

Em *Balzac*, não. A vida burguesa, aquela cidade, quase metrópole, de que fala o eminente *Fidelino de Figueiredo*, é o tema fundamental da Comédia Humana. Mais do que um depoimento, é uma vistoria, uma reconstrução nos mais íntimos pormenores externos, altamente pungentes ou de burlesco hilar, com uma funda bistorização do mais secreto das almas. E tanto que sem continuadores próximos e directos, em rigor, nem possível, exerce vasta influência na literatura francesa, como em lógica antecedência à obra do assombroso *Flaubert*, do fecundo *Zola*, do extraordinário *Maupassant* e do refinado *Daudet*.

O que era criação-narrativa, história contemporânea dramatizada e comediografada em romance, é, de entre todos, em *Flaubert* que assume o aspecto e as proporções de violento combate declarado, aliás apenas, subjectivamente, como um dos aspectos mais evidentes e flagrantemente da ingénua estupidez humana, como fatalidade azarenta do Destino.

(Continua).

Carta a uma Senhora

Minha Senhora:

Sou leitor assíduo do jornal «O Primeiro de Janeiro» e uma das secções que não deixo de ler é a dos «Pequenos delitos» em que intervém, como julgador, o M.^o Juiz sr. dr. António Quintela, cujas sentenças, quer na absolvição, quer na condenação, são sempre acompanhadas de interessantes considerações e de salutareos conselhos.

Ainda há poucos dias foi julgado um crime de difamação, a pretexto do qual o referido Magistrado aproveitou a oportunidade para aconselhar a maior prudência e o mais rigoroso escriptulo perante tudo o que disser respeito à dignidade de quem quer que seja, visto que há difamadores que se aproveitam desse expediente simplesmente a título de vingança ou então, por prazer de criarem incompatibilidade entre pessoas que, por qualquer motivo, desejam ver desavindas e que, portanto, todos esses crimes, uma vez provados, serão punidos com o rigor da Justiça. Por outro lado, lia-se na mesma secção, e a propósito do referido julgamento, o seguinte:

«... Vamos tratar de um problema mais grave — a difamação, que o nosso Código pune com rigor. Há pessoas que, mercê da maneira como falam do seu semelhante, originam conflitos graves, alguns de perniciosos efeitos. Sem querer saber do mal que ocasionam, esses «malizantes», principais culpados da desagregação de muitas famílias, precisam que o rigor da lei penal caia, implacavelmente, sobre as suas cabeças.»

Muitas vezes, de um pequenino nada a que os «difamadores» dão exagerada amplitude é que nascem as grandes tragédias morais e materiais, com o seu cortejo de infortúnios.

De facto, a difamação é uma das mais vis torpezas humanas e sobretudo quando ela parte de pessoas que pretendem passar por modelos de virtudes, esquecendo-se de que Deus não lhes dará o seu perdão, embora procurem espalhar santidade no meio em que vivem para que, assim, melhor possam iludir as pessoas com quem convivem.

No entanto, mais tarde ou mais cedo, a máscara da hipocrisia transforma-se na realidade do que efectivamente são e, então, principiam a rastejar como vermes imundos e repelentes, deixando atrás de si um passado de miséria e de ignominia e terminando por se precipitarem no abismo das perfdias humanas.

Infelizmente, minha Senhora, essas ervas daninhas aparecem por toda a parte, razão por que o caso de que lhe falei não constitui surpresa. Pena é, porém, que pessoas de boa fé ainda acreditem em certas aparências de pessoas já conhecidas como elementos de desagregação da fraternidade humana e, em alguns casos, da integridade do próprio lar. Mas, se o mundo é assim, o que lhe devemos de fazer?

Em meu entender só isto: Confiar na Justiça de Deus e não deixar de ler a secção «Pequenos delitos» de «O Primeiro de Janeiro».

Outubro de 1956. De V. Ex.º cd.º ven.º e obg.º X.

Com **GAZCIGA** não tem fumo; tem economia! **483**

-me tudo o que com o campo e com a lavoura se prende. Tinha pois de ir também dar uma vista de olhos a tudo aquilo, que era muito, mesmo muitíssimo. E fui lá da parte de manhã, na hora de maior afluência, e da parte de tarde. Esta foi quase ao entardecer, como melhor diria, foi ao desfazer da feira. Ainda havia aqui e ali umas poucas vacas, alguns bezerros brinchalhões, e mais nada!

Mas esta jornada foi mais uma romagem de saudade do que outra coisa.

Quantas e quantas vezes eu percorri as duas avenidas, a que chamávamos *avenidas dos tristes*, na amável companhia de tantos amigos que já lá estão! Era Mons. José Maria da Silva (mesmo antes de ser... Monsenhor...), era o sempre alegre e interessante Jerónimo Sampaio, era o bom do P.º Anselmo, professor do Liceu... Quantas covas abertas em volta de mim! Nessas jornadas, em que nós praticávamos à risca o conselho dos Salernitanos: *Post cretam mille passus abire*, também passávamos perto da casa-palácio do sr. P.º António Jordão, que então ainda era vivo. Era, mas agora aí está mais uma cova e um caixão!...

E' assim a vida!

Oremos pelos que morreram. Mas, enquanto tivermos um sopro de vida, não nos esqueçamos de que temos de ir às festas mais luzidas e mais bonitas de todo o Portugal... as Gualterianas!

S. A.

Assinal o Notícias de Guimarães

Câmara Municipal Teatro Jordão

SESSÃO DE 29-9-56

A Câmara sob a presidência do sr. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, tomou conhecimento, congratulando-se com a decisão tomada, da comunicação que por ele fora feita e que é do teor seguinte:

«Gostosamente comunico à Câmara que tive ontem a grata visita do dr. Cotrim Neto, professor de Direito da Universidade do Rio de Janeiro e Vereador da Câmara do Distrito Federal, que pessoalmente veio transmitir-me o convite para assistir, como convidado de honra, ao Congresso Internacional dos Municípios, a realizar no Rio de Janeiro, no próximo mês de Fevereiro.

Este convite é uma alta e significativa honra para Guimarães e, por esse motivo, exprimi imediatamente aceitação, certo de que interpretei e sentir da Câmara Municipal e de todos os vimaranenses».

— Em seguida deliberou, além do mais:

— Aprovar as propostas a seguir transcritas respectivamente dos Ex.^{mos} Presidentes e Vereador dr. Júlio Soares Leite:

— E Propondo um voto de profundo pesar pelo falecimento do funcionário municipal Vicente Ribeiro Pinheiro.

— «Considerando que o Cemitério Municipal de Guimarães necessita dum ossário, falta que é necessário reparar, proponho que a Câmara mande fazer o estudo do mesmo pela Repartição de Obras e que o referido ossário seja construído no próximo ano».

— Mandar proceder por administração directa à reparação do muro do suporte em frente ao Cemitério da freguesia de Vizela S. Paio;

— Mandar proceder por administração directa à reparação da Estrada que serve a freguesia de Vizela S. Paio;

— Assumir o encargo com a aquisição de material a adquirir para a colocação da boca de rega nos jardins do Bairro Económico de Urgez;

— Conceder diversas licenças para obras;

— Notificar o sr. José Machado da Silva Paulo, para no prazo de trinta dias proceder à demolição da fossa existente no prédio habitado por António Vieira, sito na Rua P.º Gaspar Roriz n.º 1, desta cidade;

— Autorizar pagamentos no montante de 44.373\$40.

SESSÃO DE 4-10-56

A Câmara reuniu sob a presidência do sr. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, que tratou, entre outros assuntos, do seguinte:

— Acerca do officio recebido da Associação Brasileira do Municípios, convidando o Nobre Povo e a Municipalidade de Guimarães, na pessoa do Ex.^{mo} Presidente da Câmara, a assistir ao IV Congresso Nacional de Municípios que se realizará na cidade do Rio de Janeiro entre os dias 2 a 10 de Fevereiro do próximo ano, e na qual se diz: «De facto, Guimarães, que é a célula mater das nacionalidades lusobrasileiras, o núcleo que deu surgimento à raça lusada que tem no Brasil, depois de Portugal, com mais expressiva afirmação, poderá, então, receber o amplexo fraternal das jovens comunas desta projecção americana da energia portuguesa que se orgulham de representar».

— Foi dito pelo Vereador sr. José Maria Pinto de Almeida, o seguinte:

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara Municipal de Guimarães:

A comunicação official que por V. Ex.^{as} nos foi feita de anuência ao convite que ao Nobre Povo e à Municipalidade de Guimarães, na pessoa de V. Ex.^{as}, acaba de ser levada a cabo pelo officio da Associação Brasileira dos Municípios, para assistir ao IV Congresso Nacional de Municípios, que se realizará no Rio de Janeiro, coloca-nos no dever das nossas Saudações e na melhor situação de valia dos interesses espirituais vimaranenses, para não esconder por detrás dum silêncio, sem virtude e sem grandeza, a legítima satisfação e cumulado e orgulhoso reconhecimento da distincção que por tal convite, a Guimarães e a V. Ex.^{as} se confere.

Certamente que a determinada e sincera maneira como V. Ex.^{as} se prontificou a representar no Brasil este nosso glorioso Município, cujas são por si só o Braço duma Raça, foi imperioso mandado ao seu coração vimaranense e da vontade que se revela decidida, ao mínimo enunciado duma razão que, se possível, acrecente ainda a Guimarães a aureola sagrada de Fundadora e guardadora dos valores místicos e morais da Pátria Portuguesa.

Inútil consideração seria esta e nem V. Ex.^{as} a tome como interpretativa do que se passou seu coração, se a mesma razão de amor à nossa Terra, da justa compreensão dos seus valores e da sua glorificação pela escolha dos seus méritos, não passasse também em fregimo de vida e de alegria, não apenas na alma dos que vieram para esta sala, com intenção de servir e amar, mas em toda a grande alma vimaranense, que por alguma razão resumiu, representa e anima a alma da Nação.

— Agradecer as felicitações recebidas da Câmara Municipal de Fafe pelo funcionamento no Liceu desta cidade do 3.º ciclo do curso secundário;

— Assumir os encargos respeitantes aos trabalhos a mais provenientes da alteração da rede de esgotos do Bairro Velho d'Arcele, no montante de 35.473\$30.

— Conceder várias licenças para obras:

— Autorizar pagamentos no montante de 70.030\$00.

apenas na alma dos que vieram para esta sala, com intenção de servir e amar, mas em toda a grande alma vimaranense, que por alguma razão resumiu, representa e anima a alma da Nação.

Vai V. Ex.^{as}, levar ao Brasil este calor irradiante duma chama que se acenda há oito séculos e que se não apaga nunca, nem mesmo quando sopram maus ventos e as sombras se acumulam e que, projectada no mundo, revelou pátrias, fundou povos, acrescentou impérios, na revelação econômica dum destino de luz e de civilização, que se acendeu e foi levado, como testemunho e mandato, em facho universal de nacionalidade.

Saídas do seio desta Câmara Municipal, sejam estas as primeiras palavras de saudação e agradecimento à insigne Associação Brasileira, pelo convite honrosíssimo que em igual representação dos Municípios de Lisboa e Porto nos fez e pela afirmação dum carinho, que vai traduzir no imenso abraço de irmãos e irmãs.

Também o Brasil tem Santuários vivos em que arda a chama que lá levamos e que, acrescentada e rutila, encha de clarões de humanidade e afirmações de progresso a sua própria vida nacional.

Nesses santuários irá depor V. Ex.^{as} Sr. Presidente da Câmara, os ex-votos da promessa portuguesa, a lâmpada dum amor que se não define, o culto da presença e da saudade.

Saudade e presença que serão a de tantos que nesta região do Norte de Portugal enviam a tantos que lá, no Brasil, são a outra parte desta grande e bem amada Família Portuguesa.

Se a razão que moveu a Associação Brasileira dos Municípios a convidar também Guimarães não fosse o misterioso liame que prende as pátrias e os povos às suas origens e, como tal, o Brasil não quisesse ter em V. Ex.^{as} a representação officiosa do delegado vimaranense às duas pátrias irmãs, bastava que a ida a aquele querido País fosse para V. Ex.^{as} a romagem do sentimento vimaranense e marcadamente minhoto, que o acampanharia numa vibrante manifestação de solidariedade e de unidade fraterna, nos objectivos raciais dessa viagem.

Mas de mais alto nos toca a graça fundamental dessa romagem.

— E' Guimarães a proclamar no Brasil a afirmação de imortalidade da vitória da Raça conseguida nos campos de S. Mamede, ali junto ao Castelo onde nasceu Portugal;

— E' Guimarães a associar o Brasil a uma glória mútua, a dividir-la com ele e convidá-lo, por sua vez, à comunhão sagrada dos mistérios das origens e dos destinos comuns.

De mais alto nos toca a graça de Fundadores das duas nações;

V. Ex.^{as}, Sr. Presidente da Câmara, senti, nós sabemos que sim, no seu coração e teve na sua inteligência a assistência ao espírito de Guimarães ao aceitar o convite honroso.

Sejam estas palavras para lhe agradecer a pronta determinação da anuência e aceitação do que deve constituir o mais relevado e grato preito de todos os vimaranenses, reconhecidos com V. Ex.^{as}, à elevada homenagem que é prestada.

a) José Maria Pinto de Almeida.

A Vereação manifestou o seu inteiro aplauso às considerações expressas e a Câmara deliberou se desse conhecimento de teor da acta, nesta parte, à Associação Brasileira dos Municípios na pessoa do Ex.^{mo} Sr. Dr. Cotrim Neto.

A Câmara deliberou, além do mais:

— Agradecer as felicitações recebidas da Câmara Municipal de Fafe pelo funcionamento no Liceu desta cidade do 3.º ciclo do curso secundário;

— Assumir os encargos respeitantes aos trabalhos a mais provenientes da alteração da rede de esgotos do Bairro Velho d'Arcele, no montante de 35.473\$30.

— Conceder várias licenças para obras:

— Autorizar pagamentos no montante de 70.030\$00.

Já se encontram em serviço no mesmo Liceu os seguintes professores de serviço eventual:

1.º Grupo, D. Maria Joaquina Homem Simões, D. Maria Guilhermina Martins;

2.º Grupo, D. Maria Eugénia Prazeres Botelho;

3.º Grupo, D. Arlete Dias de Castro Portugal;

4.º Grupo, Dr. Jorge Brandão Basto;

6.º Grupo, Dr. António Torres Magalhães e D. Maria Lourdes

APRESENTA

— HOJE, ÀS 15 E ÀS 21,30 HORAS —

Horas de Desespero
com Humphrey Bogart e Martha Scott
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

— TERÇA-FEIRA, 9--ÀS 21,30 HORAS —

CINEMA SCOPE

A MÃO ESQUERDA DE DEUS
com Humphrey Bogart e Genne Tierney
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

— QUINTA-FEIRA, 11--ÀS 21,30 HORAS —

VISTA VISION

Horizontes Desconhecidos
com Fred Mac Murray e Donna Reed
Um espectáculo individual
de aventuras constantes
(Espectáculo para maiores de 13 anos)

— SÁBADO, 13--ÀS 21,30 HORAS —

BENGAZI
com Richard Conte e Mala Powers
Uma espantosa aventura
578 (Espectáculo para maiores de 13 anos)

Notícias de Guimarães n.º 1292--7-10-1956

COMARCA DE GUIMARAES

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

Por este se anuncia que pelo 1.º Juízo de Direito, 2.ª Secção e no processo de acção sumária, em execução de sentença, que BERNARDINO ALVES MARINHO, casado, comerciante, desta cidade, move contra MANUEL DA SILVA PATRÍCIO e esposa MARIA DAS NEVES PATRÍCIO, residentes na vila e comarca de Torres Novas, correm éditos de vinte dias a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos dos ditos executados, para no prazo de dez dias, posteriores aos dos éditos, deduzirem os seus direitos na aludida execução.

Guimarães, 2 de Outubro de 1956.

O Chefe da 2.ª Secção,
Maurício da Ponte Machado.

Verifiquei:
O Juiz de Direito do 1.º Juízo,
Carlos Maria Afonso de Castro.

FIBRA ARTIFICIAL

PRIRIX

Agentes-Depositários

WANDSCHEIDER & C.ª, L.º

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. {Est. 17 } PORTO
{Comp. 21 404 }

des Martinho Carneiro; 8.º Grupo, Dr. José de Oliveira Faria Fernandes de Freitas; 9.º Grupo, Arquitecto Vasco Soares Costa Rosas da Silva.

Escola Industrial e Comercial

Encontram-se já nomeados para a nossa Escola Técnica, os seguintes professores: Effectivos, 1.º grupo, dr. Abílio Camões da Costa Carvalho; 8.º grupo, dr. Albano Monteiro Soares. Provisórios, 6.º grupo, Egídio do Nascimento Pires; 2.º grupo, eng.º Fernando Augusto Flores de Matos Chaves; 5.º grupo, Pintor Joaquim Teixeira; 10.º grupo, dr. José Lopes Cavreiro da Costa; 3.º grupo, Arquitecto José de Sousa Lobato; 11.º grupo, dr.ª D. Octávia de Brito Navarro Perácio e dr.ª D. Maria da Glória Ribeiro Cabral Sampaio; 8.º grupo, dr.ª D. Maria Luísa de Oliveira; 7.º grupo, D. Virgínia do Carmo Almeida.

— Entre os novos professores contam-se os nossos prezados conterrâneos e amigos srs. eng.º Fernando A. Flores de Matos Chaves e Pintor Joaquim Teixeira, aos quais felicitamos muito especialmente,

ao meu querido Professor, Luís Gonzaga Pereira. Chamei-lhe Sr. Luizinho, como então. Pedi-lhe perdão, humildemente, por andar há tantos anos a estilizar aquela magnífica sintaxe que ele me ensinou de menino, no Colégio de S. Domingos.

Recordo-me que fazia ele naqueles tempos — ele, homem de paz! — a guerra dos conhecimentos. Nós, crianças, sob o seu comando corinhoso e esclarecido, éramos os guerrilheiros do aproveitamento escolar.

Dividia-nos em dois grupos: os de Roma e os de Cartago. Eu pertencia, ora a um ora a outro. Quase sempre fui vencido. Mas o que vos posso garantir é que sempre fui vencido ao lado do Direito. Depois cresci. Cai no seio daqueles ilustres Cónegos da Colégiada, de quem recebi seguro magistério. Dos que então me ministraram ensino, resta hoje uma reliquia: o Prof. José de Pina! Eu, homem de Guimarães, mando-lhe de aqui o meu respeito de cidadão do mundo.

Toquel caixa no Pinheiro e bomo no Prego. Ai vai o meu Prego para todos vocês. Muito e muito obrigado! Procurei sempre não desmerecer da vossa amizade. Tornar-me digno de vocês e da Terra onde nasci. E como uma homenagem à nossa turbulenta juventude, tão rica de evocações, entoemos todos a uma — sem faltar um só — o hino de S. Nicolau.

ECOS das GUALTERIANAS

Contava eu acordar no sábado aos acordes suaves e vibrantes do Hino da Cidade, mas foi enganado de alma ledó e cego. Acordei, deixei o vale de lençóis, saí para a rua, dei as primeiras voltas, e nada! Nisto, ao sair da igreja de S. Pedro, quase dei um salto de alegria e quase me veio vontade de dar palmas ao respectivo sineiro: foi ele o primeiro que inaugurou, brilhantemente, as festas da Cidade. Receba o meu sincero parabém. Ele deu uma alma nova a quem já andava desacomorçado e quase acismar que as festas da Cidade, este ano, prescindiam do seu hino festivo e alegre. De modo algum podia ser... e não foi!

Dali a pouco não faltavam pelas ruas as músicas de casa e as de fora, a dizer e a proclamar que Guimarães é sempre... Guimarães!

Também começou bem cedo a corrida dos gados para o local da feira. Todas as estradas convergentes à cidade levavam ao afamado certame os melhores exemplares de gado bovino. Mas a estrada mais concorrida desses benéficos e incansáveis amigos do lavrador devia ser a de Fafe, por onde também os gados de Felgueiras deviam vir.

Eu não vendo vacas nem bois, mas também os não compro; mas sou filho do campo, e sugestiona-

Com **GAZCIGA** não tem fumo; tem economia! **483**

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

A Pesquisa Científica

Há sessenta anos, a pesquisa era limitada a alguns espíritos criadores que trabalhavam especialmente nas Universidades; hoje, porém, é pedra de toque da indústria moderna. De facto, os cientistas, trabalhando isoladamente, guiados pela intuição, interessavam-se mais em aumentar os seus conhecimentos do que em encontrar aplicações práticas para eles.

Presentemente, procura-se realizar

sobretudo trabalho de equipa, quer nas Universidades quer na indústria. Nas universidades e institutos científicos o trabalho fundamental consiste na aquisição de conhecimentos e, em muitos países, é frequentemente realizado por iniciativa e a expensas de empresas particulares. Na indústria, porém, é necessário trabalhar na aplicação dos conhecimentos adquiridos, e a pesquisa industrial é realizada por grupos que

Os resultados mais evidentes foram obtidos na melhoria de qualidade dos produtos. As gasolinas de elevado índice de octana, contendo um aditivo especial, proporcionam um menor consumo e uma marcha mais suave do motor. Os lubrificantes com aditivos, que aumentam de facto a vida do motor, facilitam o arranque e diminuem o consumo de gasolina.

Além de tudo isto a Shell leva também a dianteira no desenvolvimento das turbinas a gás, que hoje desempenham importante papel nos transportes e na indústria.

Nos laboratórios dessa empresa foram experimentados novos «pesticidas».

Também os insecticidas Aldrin e Dieldrin encontram cada vez mais vastas aplicações — tome-se como exemplo o controle das pragas de gafanhotos.

Os laboratórios do Grupo estão activamente empenhados no desenvolvimento da cromatografia de sistemas gás-líquido, novo método para a análise e pesquisa de misturas de hidrocarbonetos leves.

A facilidade de utilização dos isótopos radioactivos das pilhas atómicas levou à introdução de novas técnicas de investigação nos vários campos de indústria.

Obtiveram-se resultados valiosos com a aplicação destas técnicas, nomeadamente na determinação do desgaste dos motores e do mecanismo de reacção dos catalisadores nas unidades de «Cracking» catalítico.

As instalações de energia atómica do futuro necessitarão do auxílio da pesquisa petrolífera para resolver novos problemas no campo da lubrificação, das necessidades de material e das técnicas de operação.



Examinando, num laboratório da SHELL, amostras colhidas durante perfurações realizadas em África

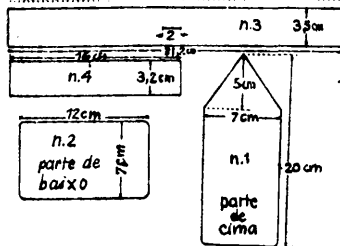
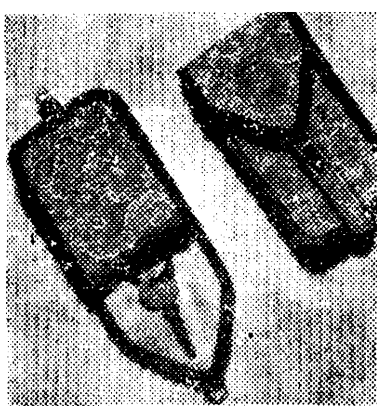
PORTA-CHAVES

Accessórios: — 25 cm. de tecido grosso, 25 cm. de tecido para forro e 25 cm. de entretela; fita para debruar, um pequeno fecho e uma argola para as chaves.

O modelo compõe-se de quatro peças: 1, parte de cima; 2, parte de baixo; 3, tira; 4, tira (porta-chaves).

Execução: — Depois de ter cortado as peças n.º 1 e 2 em tecido grosso, forro e entretela, corte a peça n.º 3 sómente em tecido grosso, e no tecido do forro. Cosa a entretela entre o tecido grosso e o forro das peças 1 e 2.

Na peça n.º 3, cosa o tecido e



o forro juntamente. Debrue com a fita as duas extremidades e faça uma casa (como indica o modelo), por onde passará a pequena tira que segura as chaves. Cosa a peça n.º 2 (parte de baixo) à n.º 3, debruando, e a seguir uma a peça n.º 1 (parte de cima) à peça n.º 3, debruando igualmente.

Prepare a peça n.º 4 (para segurar as chaves), cortando uma tira de tecido de 16 cm. de comprimento por 3,2 de largura; dobre a tira em duas, ao comprimento, e faça uma costura a 2 mm. do bordo. Numa extremidade, cosa a argola (onde serão postas as chaves), passe a tira para o interior do porta-chaves, pela casa, e na outra extremidade cosa o fecho. Cosa a argola à ponta do tecido (conforme a fotografia).

Ponha as chaves na argola, e coloque-as dentro do estojo, movendo a tira com o fecho, fechando o estojo.

estudam sistematicamente aquelas possibilidades técnicas que se apresentam economicamente viáveis.

A pesquisa industrial exige grande número de especialistas experimentados, mas não pode dispensar os cérebros criadores que constituem o núcleo de cristalização e síntese das novas ideias. Os laboratórios industriais, como as universidades, tornaram-se assim fontes de conhecimentos básicos que, por sua vez, contribuem para a introdução de novas ideias na ciência pura.

A pesquisa desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento técnico da indústria moderna.

Durante o último quarto de século, e especialmente durante e desde a guerra, a procura de produtos químicos e de produtos petrolíferos de alta qualidade tornou-se tão grande e os problemas provocados tão complexos, que a indústria do petróleo sentiu uma crescente necessidade de adquirir e aplicar conhecimentos básicos.

O pessoal empregado nos trabalhos de pesquisa do Grupo Shell aumentou na última década, de cerca de 3.000 para quase 5.000, e o número de laboratórios cresceu de 9 para 14.

Durante o ano de 1955, todas as actividades de pesquisa agrícola da Shell estavam concentradas em Inglaterra, no Centro de Pesquisa Agrícola de Woodstock; a aquisição da Petrochemicals Ltd. ofereceu novos objectos de pesquisas, tendo sido de objecto criado em Torrance (Califórnia) um novo centro para pesquisas no campo da borracha sintética.

Em estreita cooperação com os laboratórios de pesquisa realizaram-se em vários países trabalhos relativos ao desenvolvimento da aplicação de processos e produtos, trabalhos que são levados a cabo pelas refinarias, laboratórios, etc., das Companhias do Grupo Royal Dutch/Shell.

Entre os resultados obtidos através dos trabalhos de pesquisa realizados pelo Grupo durante a última década, podem citar-se os conhecimentos adquiridos quanto aos modos de formação e migração do petróleo; a melhoria dos métodos geofísicos; o registo e interpretação dos dados sísmicos; a prevenção da corrosão nos poços petrolíferos; os novos tipos de equipamento para perfurações e nivelamento de produção dos poços; as técnicas especiais criadas para a abertura de poços submarinos, etc.

Dedica-se ainda particular atenção à criação de processos que permitissem a produção de maiores quantidades de produtos de cada vez mais alta qualidade, a partir das matérias primas disponíveis. O equipamento necessário para atingir este objectivo era constantemente modificado e melhorado. Exemplos típicos são a coluna de destilação «Grid Tray» e o «Rotating disc conveyor» para extracção de dissolventes.

SERVINDO A LAVOURA

CARO LAVRADOR:



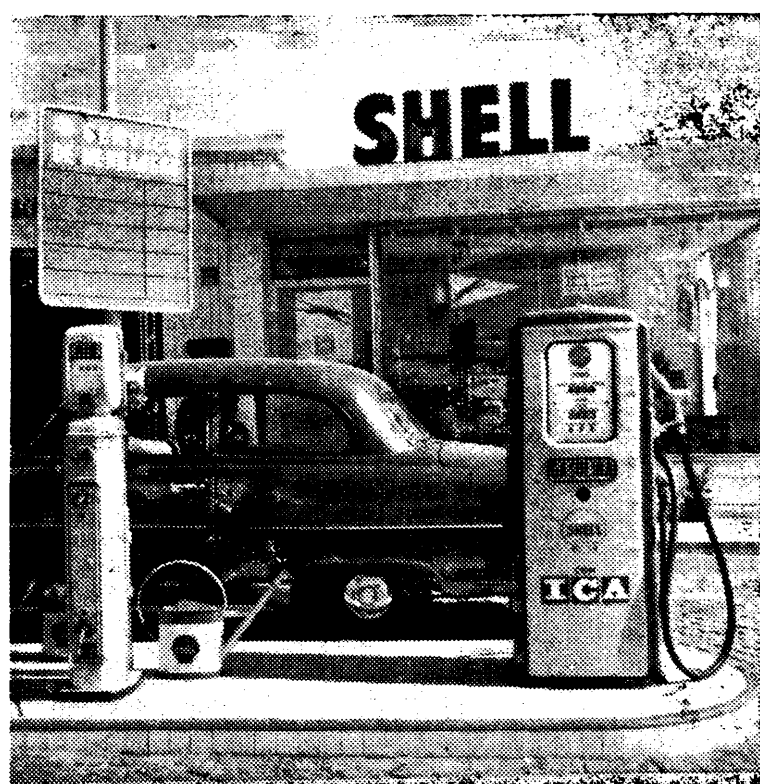
Pinta amarela, lapa, algodão, icéria, etc., são nomes por que são conhecidas algumas cochonilhas que tão grandes prejuízos causam, por vezes, nos pomares de citrinos. Quaisquer destas cochonilhas têm, no entanto, os seus inimigos naturais; estes inimigos, chamados depreadores, não são mais que outros insectos que, em condições normais, são suficientes para manter uma defesa natural contra as mal-fadadas cochonilhas.

O pior é que, frequentemente, existe entre estes dois tipos de insectos — cochonilhas e seus depreadores — uma terceira espécie, que vem comprometer o equilíbrio estabelecido entre a praga e os depreadores. Este insecto, cuja aparição é tão inoportuna como prejudicial, é a formiga argentina, que se alimenta dos sucos açucarados excretados pelas cochonilhas. Como que em troca desses sucos, a formiga persegue e mata os depreadores das cochonilhas, contribuindo assim para a proliferação destas.

Se o leitor pretende eliminar as cochonilhas do seu pomar deve, portanto, principiar por evitar a presença da formiga argentina nas árvores, pois assim dará ocasião a que os depreadores entrem em acção e comecem a trabalhar para Si.

O leitor já deve ter verificado, concerteza, que todas ou quase todas as árvores atacadas por cochonilhas estão, por assim dizer, cobertas de formigas que sobem a essas árvores em carreiros compactos. Experimente pois eliminar a formiga argentina — existem já hoje insecticidas e métodos de aplicação que permitem destruir as formigas sem afectar os depreadores das cochonilhas — e verificará que as cochonilhas deixarão de se desenvolver. Uma aplicação de uma calda oleosa virá, então, acabar de resolver o seu problema.

(Transcrito do Boletim Agrícola, publicação mensal da Shell Portuguesa).



MENSAGENS NA ESTRADA

PARA AUTOMOBILISTAS EM VIAGEM

No intuito de ampliar a assistência que normalmente presta aos automobilistas, a Shell Portuguesa decidiu instituir, nas suas Estações de Serviço e Postos de Abastecimento, de todo o País, um Serviço de Mensagens que é, ao mesmo tempo, uma contribuição para o Turismo Nacional.

Esse Serviço, que constitui valioso auxílio para o automobilista na estrada, consiste na possibilidade que passa a ter, não só de receber mensagens que outros automobilistas

lhe deixem nessas Estações de Serviço e Postos de Abastecimento, como de escrever outras com igual finalidade. Além disso, poder-lhe-ão ser dirigidos para ali telegramas, cartas ou telefonemas.

Num grande placard, colocado no exterior ou na montra mais destacada da Estação de Serviço ou Posto de Abastecimento, serão inscritos os nomes dos automobilistas que tenham mensagens a receber, e a sua procedência, o que assegura a eficiência desta iniciativa.

Vejamus um exemplo da praticabilidade deste Serviço: um automobilista sai de Guimarães para Lisboa e a esposa tem, de repente, necessidade de lhe dar um recado urgente. Calculando o tempo, telefona para a Estação de Serviço Shell por onde o marido lhe disse que passaria e transmite o recado. Imediatamente o empregado da Estação escreve o nome do destinatário no placard colocado no exterior da mesma ou na montra mais visível. Portanto, quando o automobilista ali parar lerá o seu nome e, declinando a identidade, receberá o recado.

Procura assim a Shell tornar ainda mais útil a sua assistência ao automobilista, de acordo com o espírito de cooperação já tradicional nas suas actividades.

SABIA QUE...?

... as reservas petrolíferas descobertas até ao fim de 1955 eram suficientes para mais de 33 anos de consumo a um nível igual ao de 1955?



... cinco por cento de todo o petróleo bruto obtido nos Estados Unidos é extraído pelo processo de injeção de água, que consiste em aumentar a pressão interna do extracto petrolífero bombeando água no subsolo? Calcula-se que em 1980 essa percentagem subirá para 25 por cento.



... desde os meados do século passado foram produzidos e consumidos em todo o mundo 12.500 milhões de toneladas métricas de petróleo bruto e gasolina natural?



... cerca de metade dos barcos que passam diariamente no Canal do Suez são navios-tanques?



... os investimentos realizados pela indústria petrolífera no mundo livre, durante o ano de 1955, atingiram 2.900 milhões de libras — quantia superior aos investimentos totais de todas as demais indústrias do Reino Unido?



... um simples poço experimental poderá custar entre £20.000 e mais de um milhão de libras, e que o custo por metro aumenta com a profundidade?



... Segundo o «Petroleum Press Service», 90 países estão empenhados em trabalhos de prospecção petrolífera?



... no ano passado, o total de energia fornecida pela indústria petrolífera seria suficiente para atender às necessidades mundiais, durante cinquenta anos, se a média do consumo fosse igual à de 1890?



... um novo e profundo canal tornou agora o Lago de Maracáibo, na Venezuela, acessível aos petroleiros transoceânicos de 18.000 toneladas?

OVOS EM CASCAS DE PLÁSTICO

Na última exposição anual de embalagens, realizada em Atlantic City, apareceram novas e sensacionais ideias, incluindo Martinis e Manhattans metidos em embalagens de nylon transparente; sacos de polietilene para natas, que ocupam apenas metade do espaço dos invólucros de aço com a mesma capacidade; e — a mais estranha de todas — ovos descascados metidos à máquina em embalagens de polietilene fortes e transparentes.

Os ovos podem ser abertos puxando-se por uma lingueta existente na «casca» para esse fim, ou então cozidos dentro das suas «cascas» de polietilene.

Diz-se que os cientistas da Universidade de Cornell, que inventaram o sistema, esperam por este meio poupar aos criadores de galinhas milhões de dólares, fazendo com que os ovos quebrados sejam tão vendáveis como os inteiros e acabando com as quebras em trânsito.

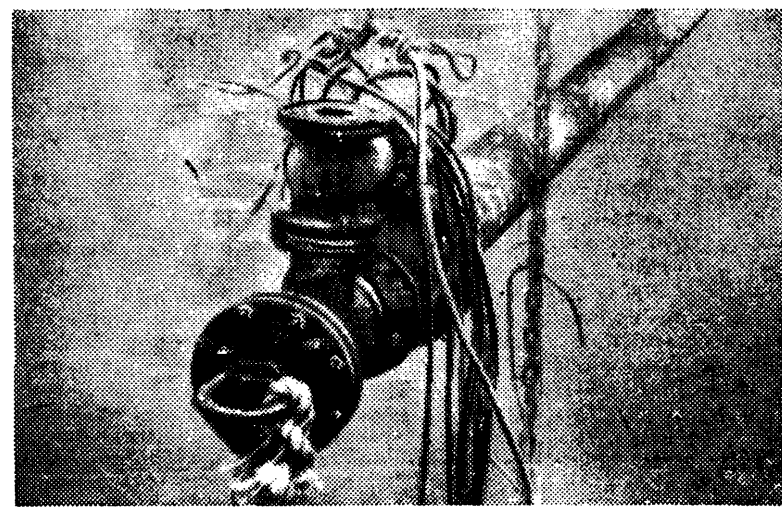
Os ovos são abertos à máquina e, depois de inspeccionados, metidos dentro de uns invólucros com o formato de ventosa; junta-se depois um pouco de anidrido carbónico para os conservar e em seguida o ovo é fechado com uma forte película de plástico obtido de petróleo.

Se se deixar cair um destes ovos não é natural que se parta — mais um exemplo da utilidade de embalagens feitas de plástico obtido do petróleo.

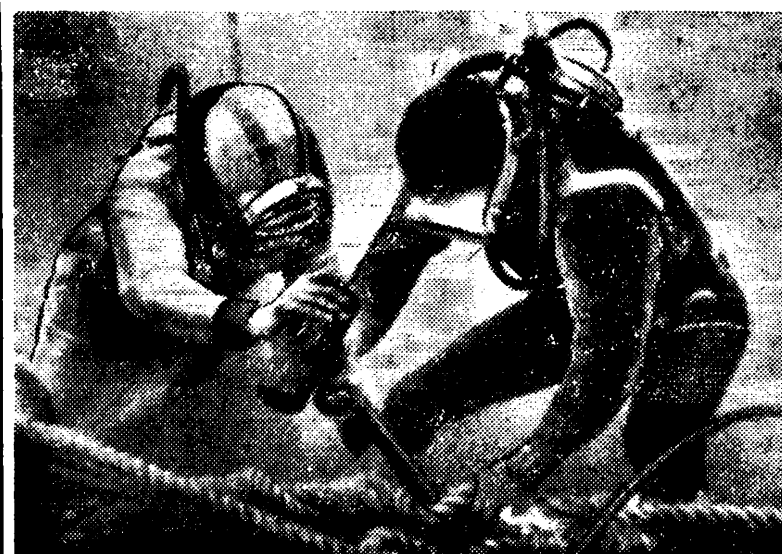
A SHELL PORTUGUESA INSTALOU UM «PIPE-LINE» SUBMARINO AO LARGO DA ILHA DO SAL

A Shell Portuguesa realizou, há dias, o lançamento à água, na Baía das Palmeiras, Ilha do Sal, de um «pipe-line» submarino o qual permitirá que os navios-tanques do grande tonelagem descarreguem combustíveis ao largo da Ilha, com excepcional vantagem para o abastecimento dos depósitos ali mantidos por aquela Empresa para gasolinas destinadas à Aviação.

Tal empreendimento, que representou a colocação de 700 metros de «pipe-line» debaixo de água e a sua ligação à terra, constitui o remate de uma vastíssima série de estudos e trabalhos e demonstra que a Shell Portuguesa não recua perante as dificuldades ou despesas de importantes empreendimentos, desde que se trate de acompanhar o ritmo de facilidades que se impõem pelo crescente desenvolvimento dos transportes aéreos internacionais.



O «Pipe-Line» ao descer para o fundo



Os mergulhadores durante a colocação do «Pipe-Line» no fundo da baía das Palmeiras

Crónicas para maiores de 50 anos

XVIII

Estas recordações do «nosso tempo» surgem como as cerejas — umas encadeadas às outras.

E, assim, lembram-me agora as canções que moços e moças, já no período do galanteio, costumavam entoar quando se juntavam à noite nos passeios pelas Avenidas, no campo, ou na praia, e esta era a da Póvoa de Varzim.

Naquele tempo, naquele ditoso tempo, a Póvoa tinha outra feição muito diferente, mas muito mais pitoresca, com carácter, e sem aquele aspecto internacional que vai tomando, por necessidade de acompanhar o Progresso e atrair os que se adaptaram, e nasceram, nesta vida nova.

Ainda se ia de comboio que tinha o seu término na própria estação da Vila, e só muito mais tarde é que se prolongou até ao Porto.

Vinha de Famalicão onde recebia os passageiros da linha do Minho, portanto os do Douro e Porto tinham de dar toda essa volta, e os de Guimarães desembarcavam na Trofa e mudavam para o Minho, que em Famalicão lhes dava ligação para a Póvoa; apesar de todas estas voltas, no período dos banhos andava sempre à cunha, com bilhetes de banhos e de ida e volta, que julgo terem desaparecido.

E na estação da Póvoa as tribos dos «Canetas e Tambucos», e outros que já esqueci, esperavam os seus clientes para os conduzir aos seus alojamentos, as mais das vezes os mesmos de uns anos para os outros.

Não contando outros aspectos da Praia, sobressaía o dos «toldos» largos e espaçosos, onde se reuniam as Famílias num convívio já esquecido, e se conversava, namorava e se contraíam amizades de casas de todo este Norte, e muitas vezes se decidiu o futuro de muitos jovens que ali se conheceram, e agora se isola cada Família, encafuadas na sua barraca privativa.

Esses toldos, de tarde, serviam para os Pais de Família jogarem reñidas partidas de sueca e solo, as Mães conversarem nos assuntos ainda correntes, que nunca perdem a oportunidade e são sempre os mesmos, e a juventude se entreteem nos jogos de prendas.

Depois do jantar voltavam à praia, passeavam ao longo da rua dos Banhos, e à noite iam até ao Café Chinês, tão conhecido de toda a gente do Norte, com os seus característicos painéis de feição chinesa, que desapareceu não sei por que razão e poderia ter sugerido uma adaptação, outros então ficavam ali pela praia em grupos de Famílias, continuando os divertimentos da tarde.

Já ao entardecer, depois das conversas, ditos e jogos de praia, a juventude passava ao canto em coros que, sem maestro, nem batuta e naipes musicais, desfilava a série de canções em voga vindas das várias Províncias e que dali eram difundidas pelas outras terras.

De muitas que por lá se ouviam ainda recordo algumas para os meus contemporâneos e principalmente as minhas contemporâneas as ensinarem a seus Filhos.

A mais adequada ao meio, e há 50 anos muito cantada, era a seguinte, entoada por uma voz e repetida, verso a verso, pelo coro:

*No mar profundo,
Sob as areias,
Cantam sereias,
Quando há luar.
O mar é lindo,
A noite é bela,
Desfralda a vela,
Vogar, vogar!*

Depois o coro geral:

*O marinheiro
Sentado está,
Sempre a cantar
O trai-la-rá-rá...*

Nas noites de luar, de Lua cheia, era a inevitável e romântica balada da Lua, que tanto encantou a nossa juventude:

*Sentinela do Céu avançada,
Lá vem a Lu-u-a.
Pelas portas da santa morada,
Rodando a Lu-u-a.
Tem um manto de estrelas de prata,
Suspenso à Lu-u-a.
Sobre a Terra que dorme pacata,
Aos pés da Lu-u-a...*

Ou então a encantadora, cheia de graça e delicadeza e fina espiritualidade:

*Dai carta, feliz voando,
Lindos olhos tu vai ver,
Carta põe-te de joelhos,
Quando te forem a ler.*

E o coro:

*Que noite serena,
Que lindo luar,
Que linda barquinha
Eu vejo no mar.
Vem, vem, ó meu anjo,
Fujamos daqui,
Que a noite está bela (bis)
É o amor nos sorri...*

Se o grupo de jovens se reunisse no campo, em qualquer quinta dos arredores de Guimarães, ou até nos passeios, à noite, pelas Avenidas, se ouvia esta:

*Quem me dera ser o linho
Que vos na roca fiais.
Eu dava-vos tantos beijos
Como vos no linho dais...*

É claro que todas estas canções têm a sua melodia, que todos os do nosso tempo conhecem e lhe adaptam, e os desta geração se quiserem cantar podem pedir às suas Avós que lhes ensinam, talvez com emoção e a sua lágrima de saudade a bailar nos olhos...

Agora já pouco ou nada se canta, a não ser esta gente da aldeia, que se limita a reproduzir o que ouve no Rádio, e, assim, esses grupos, geralmente só de raparigas, causticam-nos com o «*Olhô policia sinaleiro*» e outras deste jaz.

O que sucederia a uma rapariga no nosso tempo se a Mãe a ouvisse traucar esse tango que diz: «*Besa-me, besa-me mucho*»... ou o baiao — «*eu deitada no teu colo, moreno*»...?

Apanhava duas estaladas tesas na cara e:

«*Ah! sua desavergonhada, onde foste aprender essas cantigas?*»...

Bom, nos tempos que correm, estas cantigas aprendem-se no Rádio, que as difunde com muito mais eficiência que as nossas ingénuas canções da juventude e... sem censura.

Jugueiros — Felgueiras,
14 de Setembro de 1956. (continua).

A. DE QUADROS FLORES.

BOLSAS DE ESTUDO DA FUNDAÇÃO ROTÁRIA

para um ano de estudos no estrangeiro

Um ano de estudos no estrangeiro como Bolseiro da Fundação Rotária, é a fascinante possibilidade que se oferece a um estudante. Os pedidos podem ser desde já aceites pelos Rotary Clubs; as Bolsas incluem todos os transportes, instrução e despesas de alojamento e instalação durante o ano académico de 1957-58.

Qualificações para ser bolseiro: — O pedido deve apenas ser feito por intermédio do Rotary Club da localidade onde o estudante tiver a sua residência permanente.

Os candidatos devem ter 20 a 29 anos de idade. Devem ter concluído um curso superior (ou estar no seu último ano), ter altas classificações e um perfeito conhecimento da língua do país em que se propõem estudar.

Devem ser pessoas sociáveis, interessar-se vivamente por assuntos de ordem mundial e possuir instinto de comando.

As Bolsas de estudo são concedidas sem preocupação de raça, credo religioso ou nacionalidade.

Concorrência dentro do Distrito Rotário: — O candidato seleccionado por um Rotary Club terá de concorrer à Bolsa Rotária com os candidatos apresentados pelos restantes 15 Clubs do Distrito 65. O prazo para a recepção dos pedidos para o ano académico de 1957-58, pelo Rotary Club local, termina em 15 de Novembro próximo.

Valor das Bolsas já concedidas: — Desde que o programa foi posto em execução, em 1947, em memória do fundador de Rotary, Paul Harris, as Bolsas da Fundação Rotária foram concedidas a 827 jovens de ambos os sexos, naturais de 61 países da Europa, Ásia, África, Américas e Ilhas do Pacífico, para estudarem em 40 países diferentes. O valor de cada Bolsa anual orça, em média, por Dól. 2.500 e a totalidade das bolsas atribuídas desde 1947 ultrapassa Dól. 2.000.000 — mais de 56.000 contos.

Embaxadores de boa-vontade: — Os Bolseiros da Fundação Rotária têm demonstrado ser embaxadores de boa-vontade internacional involuntariamente efectivos, não só nas terras onde fazem os seus estudos de especialização, mas também nas suas pátrias, após o seu ano de estudo.

As Bolsas da Fundação Rotária não têm paralelo se considerarmos que, com cerca de 9.200 Rotary Clubs espalhados por 99 países e regiões geográficas de todo o mundo livre, o estudante está em contacto directo com os Rotários e suas famílias durante o ano em que se encontra longe dos seus, onde quer que esteja a estudar. Assiste às suas reuniões, visita os seus lares e locais de trabalho, e viaja tanto quanto possível durante as férias escolares. Desta forma, vê de perto como vive o país que o acolheu e, através deste estreito contacto, fixa os fundamentos duma maior compreensão internacional, que é um dos principais objectivos de Rotary.

Os leaders de amanhã: — Apesar da execução do programa estar apenas no décimo ano, muitos Bolseiros de Rotary patentearam já a promessa de poderem muito bem encontrar-se entre os leaders de amanhã: — são professores em Universidades e outros estabelecimentos de ensino; entraram ao serviço dos seus Governos, no país ou no estrangeiro; foram ordenados ministros de Igrejas de vários credos; estão realizando proeminentes trabalhos de investigação; e estão trabalhando em situações de comando em diversos de actividade comercial ou profissional.

Porto, 10 de Setembro de 1956. — O Governador do Distrito n.º 65 do Rotary Internacional, Domingos Ferreira.

AVÉ IZILDINHA — O ANJO DO SENHOR

Curado de paralisia por milagre — Só esperava por milagres

José Pires de Moraes e Sousa, trabalhava na Cia. Swift de Frigoríficos em Utinga. Há questão de 2 meses e meio sentiu uma tonteria no serviço e desmaiou. Transportado para sua residência, à Avenida Utinga, 1450, foi constatado pelo médico que o assistiu, Dr. Kamar Yasbeck, ter sofrido um derrame cerebral de extrema gravidade, a ponto de lhe ocasionar sangue na espinha. O facultativo não teve dúvidas em comunicar à família que José Pires dificilmente sobreviveria, tendo poucas horas de vida. Caso contrário, ficaria paralisado e cego. Na verdade, o doente havia perdido a razão e ficado com a parte esquerda do corpo completamente paralisada, além de cego das duas vistas.

«Pedi à Izildinha»

D. Luísa Barretti é vizinha de José Pires de Moraes e Sousa. Foi ela que nos contou o milagre: «*Conheço José há vários anos — disse-nos aquela senhora — pois sou sua vizinha. É um senhor casado ao qual muito respeita e estima minha família. No dia em que seu estado era gravíssimo, me encontrava rezando no túmulo de Izildinha. Lembrei-me então de pedir para que ele sarasse.*»

«*Depois disso apanhei um pouco de água milagrosa do Anjo do Senhor, e umas pétalas de rosas que encontrara sobre o seu mausoléu. Assim que cheguei a casa do doente, minha esposa não teve dúvida em ministrar-lhe a água de Izildinha. Desde esse dia José Pires foi melhorando até que ficou completamente sarado.*»

«*É verdade — afirmou José Pires, — estou completamente curado.*»

GRAÇAS

Odete Marue de Mello, residente à rua Coari, 8-A, São Paulo, foi favorecida com a cura da vista, que estava quase cega; Gasparina de Sousa Luz, residente na rua de S. Francisco de Paula, 224, São Paulo, que recebeu a graça da cura de seu irmão que estava com uma ferida na perna; Dalila da Silva, residente na rua Bueno de Andrade, 145, S. Paulo, que obteve a cura da vista que estava com úlcera e não mais foi preciso operar; Maria de Lourdes Dias Pinto, residente à rua Oliveira, 18, São Paulo, obteve a cura de eczema nas mãos e pés, e já havia recorrido à medicina sem resultado; Lucinda Pacheco, residente na rua de Santa Catarina, 703, São Paulo, sob a protecção de Izildinha recebeu a cura de sua enteada que



«*Ainda hoje andei de forma desmbaraçada, muito embora estivesse antes com uma perna paralisada. Não me lembro do que me aconteceu, mas sinto outro ânimo agora para viver. Fui curado por Izildinha.*»

«*É isso, portanto, o que nos contam os adeptos de Izildinha. «Milhares de testemunhos desses milagres podem argumentar ainda melhor os que, não crendo, pretendem implantar a desesperança no mundo...» — 16 de Outubro de 1952.*

sofria do coração; Clementina Melo, residente na cidade de Pederneiras, Estado de São Paulo, recebeu a cura de seu filho que sofria de ataques; Sebastião C. da Silva, residente na rua Elza, 5, São Paulo, após seu pedido à Izildinha ficou curado de um quisto na vista sem operação; Maria Luísa Rosa, residente à rua Waldemar Martins, 82-A, C. Paulo, agradece a graça de ver seu marido livre do vício da bebida; Francisco Soares, residente na rua São Tomás, 21, São Paulo, estava quase cego e após ter pedido auxílio à Izildinha, achou-se completamente curado; Benedito Vieira da Silva, residente em Santo Amaro, que após sofrer uma queda era preciso fazer três operações e com seu pedido à menina sarou sem operação.

Na nossa Redacção e na Livraria L. Oliveira & C.ª pode ser adquirido pelo preço de 50\$00 o interessante livro da autoria de Pedro Nuno — «*IZILDINHA, O ANJO DO SENHOR — SUA VIDA — SEU AMBIENTE — SUA ÉPOCA — DE 374 páginas e farta ilustração fotográfica, do qual pelo autor nos foi oferecido um lote com fins beneficentes. Destina-se todo o produto à Santa Casa da Misericórdia de Guimarães.*»

Quinzenalmente publicaremos as Crónicas, a 20.ª das quais se publica hoje, relacionadas com a Vida de IZILDINHA, que viveu e morreu em Guimarães, mas cujo corpo foi levado mais tarde para São Paulo.

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

Excessos degradantes e perigosos

Ninguém ignora nem desconhece que, para se verificar uma harmonia e até bem-estar na existência do indivíduo, se torna necessário aplicar à vida prática umas quantas regras, sem as quais essa harmonia não se pode alcançar.

Mas para que esse conjunto de circunstâncias não avassale perigosamente o indivíduo, também é preciso que este utilize o seu bom senso e inteligência, de forma a conseguir uma indispensável moderação e equilíbrio na realização dos seus desejos e necessidades.

Em todas as manifestações da vida tem de haver sempre moderação e equilíbrio — no comer, no vestir, no dormir, no calçar, no fumar, no andar, etc. Se essa condição não for observada, logo a máquina humana se ressentirá, por vezes com funestas consequências.

Vem estas considerações a propósito de uma local que um importante diário do Porto publicou, e da qual damos um sucinto resumo. Em determinada localidade do País, reuniram-se vários indivíduos — gastrónomos de respeito — cujo número a notícia não relata, e que se constituem em grupo, para confraternizar todos os anos, aproveitando a oportunidade para fazerem uma espécie de competição, a ver qual deles come mais.

Segundo o mesmo Jornal, o referido grupo consumiu, em dois dias e duas noites, os seguintes alimentos: 300 litros de vinho, 10 de aguardente, 480 pirrolitos, 200 cervejas, 3 garrafas de genebra e um almude de café, 2 carneiros (90 quilos), 30 quilos de vaca, 25 galinhas, 2 paos (4 quilos), um presunto (6 quilos), 110 quilos de pão de fabrico caseiro, 10 arrobas de batatas, 5 arrobas de tomates, 10 quilos de

bacalhou, 176 pimentos, 200 ovos, 60 queijos, 20 pepinos, 200 almôndegas, 5 latas de bolacha e 15 litros de abafado.

Por sua vez, o comilão-mor e herói desta bacanal, ingeriu durante o tempo em que decorreu a «*feita*» o seguinte: perna e meia de carneiro, duas galinhas inteiras e as miudezas de mais quatro, 28 ovos, 69 almôndegas, meio quilo de presunto e 800 grs. de paio, 11 quilos de batatas e 8 de tomates, um quilo de bacalhou com 29 pimentos, cinco quilos de pão, 9 pratos de caldeirada, 7 queijos, meio quilo de bolachas, 21 litros de vinho, 8 decilítros de aguardente, 19 cervejas, 3 decilítros de abafado e 12 cafés.

Mais informa a notícia que este indivíduo não sofre de qualquer doença.

Ora aqui é que não estamos de acordo. Ele se não sofre de diabetes, deve ter, pelo menos, uma forte perturbação mental que lhe permite abusar do seu organismo de uma maneira tão estúpida e ignóbil, sem pensar sequer, no ridículo a que estaria sujeito com a divulgação de tão extravagante notícia. A cova, cedo espera estas pobres criaturas, que parecem ter na vida uma única aspiração: mastigar e engolir.

Nos tempos actuais, em que uma grande parte da população trabalha e luta por vezes desesperadamente a fim de conseguir uns poucos escudos para matar a fome, chega a ser um escárnio a maneira como certas pessoas levam a vida, comendo em dois dias o que muita gente não come em dois meses. Infelizes aqueles que colocam o estômago acima do seu próprio cérebro e da sua inteligência.

É curioso notar que, alguns dias após a publicação desta notícia, o

Centro de Recreio Popular da CIDADE DE GUIMARÃES

Sob a presidência do Sr. António Neves Correia Gomes, reuniu no dia 21 de Setembro a Mesa da Assembleia Geral deste Centro a fim de empossar os novos elementos da Direcção deste Centro. Depois de lido o respectivo auto, foi assinado pelos novos directores que preencheram as vagas existentes, pela seguinte ordem:

Secretário, João José de Azevedo; Tesoureiro, Albano Nogueira Guedes; Vogal suplente, João de Lemos.

Depois de empossados pelo Presidente da Direcção, foram proferidas algumas palavras, tendo sido lido o plano de actividades para 1956-57.

Os empossados, Srs. João José de Azevedo e Albano Nogueira Guedes, proferiram também algumas palavras.

Ao acto assistiram numerosos sócios e pessoas amigas dos empossados.

Plano de actividades

Vem decorrendo com êxito o plano anteriormente fixado, desenvolvendo-se dentro do plano geral delineado pela F. N. A. T. e dentro das possibilidades do Centro. Dentro desse plano se realizaram várias conferências, que quer pelos temas desenvolvidos, quer pelas pessoas que gentilmente acederam a proferi-las, marcaram uma posição de relevo no meio cultural, a que foi dado o devido relevo.

Como no ano anterior, este ano, e por comissão expressamente nomeada, se vêm realizando espectáculos de carácter popular, proporcionando aos trabalhadores em geral espectáculos a preços acessíveis, de carácter cultural e recreativo. Espectáculos que se integram perfeitamente no âmbito da acção do Centro e em plena concordância com o diploma legal que define a sua actuação. O mau tempo, porém, não tem permitido que às sessões de cinema se juntem programas vivos de mais fácil e útil compreensão. Continuaremos, porém, procurando cumprir o melhor possível.

Com a entrada da época de Inverno, entrarão em funcionamento todas as seções, estando marcado o dia 1 de Outubro para o começo de todas as actividades. A Sede abrirá e encerrará a horas convenientes e funcionará o *bufete*, salas de jogos. Recomeçam também os ensaios dos agrupamentos artísticos, a fim de que adquiram maior número de co-

nhecimentos dentro das modalidades a que se dedicam os associados. Abri-se-á a biblioteca, ultimamente reforçada com algumas dezenas de livros, destacando-se as obras de história pátria, a par de obras de ficção. Permitir-se-á a requisição das obras para leitura domiciliária, exceptuando as que pela sua natureza tenham carácter reservado, cuja leitura só é permitida na Sede.

Do plano cultural para 1956-57, teremos:

Mensalmente, palestras ligeiras de carácter profissional, orientadas no sentido do aperfeiçoamento técnico do associado; passatempos artísticos para sócios e não sócios, em que actuarão os agrupamentos artísticos do Centro e outros cuja colaboração será pedida.

Também mensalmente, sempre que possível, conferências de divulgação de conhecimentos artísticos culturais e trimestralmente conferências em que focarão temas dedicados à história, cultura, comércio e indústria e agricultura da cidade e seu concelho.

Certame etno-folclórico, cujo regulamento já foi estabelecido e submetido à aprovação da F. N. A. T. Este Certame interessará todo o concelho de Guimarães e dele se procurará organizar um cancionero próprio e que permita a criação de um grupo folclórico verdadeiramente representativo de Guimarães.

Estudar-se-á ainda a possibilidade de organizar na presente época um ou mais concertos musicais, para sócios e não sócios.

Desportos: Não tem o Centro possibilidade de manter em permanente actividade todas as modalidades desportivas indicadas pela F. N. A. T.

O que se tem feito neste campo deve-se ao esforço individual e para já teremos de continuar a pedir aos seus cultores o sacrifício da continuação. Assim, a equipa de ténis de mesa vai entrar em treinos para a sua entrada no campeonato distrital da modalidade, organizado pela F. N. A. T. e se possível até ao Campeonato Nacional.

Concorrer-se-á ao campeonato de xadrez.

Abri-se-á um curso de xadrez, para todos os sócios que o queiram frequentar, o qual será dirigido por um competente xadrezista.

As Seções de Numismática e Filatelia continuarão as suas reuniões, podendo nas mesmas tomar parte todos quantos a essas modalidades se queiram dedicar.

Com a entrada da época de Inverno, entrarão em funcionamento todas as seções, estando marcado o dia 1 de Outubro para o começo de todas as actividades. A Sede abrirá e encerrará a horas convenientes e funcionará o *bufete*, salas de jogos. Recomeçam também os ensaios dos agrupamentos artísticos, a fim de que adquiram maior número de co-

nhecimentos dentro das modalidades a que se dedicam os associados. Abri-se-á a biblioteca, ultimamente reforçada com algumas dezenas de livros, destacando-se as obras de história pátria, a par de obras de ficção. Permitir-se-á a requisição das obras para leitura domiciliária, exceptuando as que pela sua natureza tenham carácter reservado, cuja leitura só é permitida na Sede.

Do plano cultural para 1956-57, teremos:

Mensalmente, palestras ligeiras de carácter profissional, orientadas no sentido do aperfeiçoamento técnico do associado; passatempos artísticos para sócios e não sócios, em que actuarão os agrupamentos artísticos do Centro e outros cuja colaboração será pedida.

Também mensalmente, sempre que possível, conferências de divulgação de conhecimentos artísticos culturais e trimestralmente conferências em que focarão temas dedicados à história, cultura, comércio e indústria e agricultura da cidade e seu concelho.

Certame etno-folclórico, cujo regulamento já foi estabelecido e submetido à aprovação da F. N. A. T. Este Certame interessará todo o concelho de Guimarães e dele se procurará organizar um cancionero próprio e que permita a criação de um grupo folclórico verdadeiramente representativo de Guimarães.

Estudar-se-á ainda a possibilidade de organizar na presente época um ou mais concertos musicais, para sócios e não sócios.

Desportos: Não tem o Centro possibilidade de manter em permanente actividade todas as modalidades desportivas indicadas pela F. N. A. T.

O que se tem feito neste campo deve-se ao esforço individual e para já teremos de continuar a pedir aos seus cultores o sacrifício da continuação. Assim, a equipa de ténis de mesa vai entrar em treinos para a sua entrada no campeonato distrital da modalidade, organizado pela F. N. A. T. e se possível até ao Campeonato Nacional.

Concorrer-se-á ao campeonato de xadrez.

Abri-se-á um curso de xadrez, para todos os sócios que o queiram frequentar, o qual será dirigido por um competente xadrezista.

As Seções de Numismática e Filatelia continuarão as suas reuniões, podendo nas mesmas tomar parte todos quantos a essas modalidades se queiram dedicar.

Com a entrada da época de Inverno, entrarão em funcionamento todas as seções, estando marcado o dia 1 de Outubro para o começo de todas as actividades. A Sede abrirá e encerrará a horas convenientes e funcionará o *bufete*, salas de jogos. Recomeçam também os ensaios dos agrupamentos artísticos, a fim de que adquiram maior número de co-

nhecimentos dentro das modalidades a que se dedicam os associados. Abri-se-á a biblioteca, ultimamente reforçada com algumas dezenas de livros, destacando-se as obras de história pátria, a par de obras de ficção. Permitir-se-á a requisição das obras para leitura domiciliária, exceptuando as que pela sua natureza tenham carácter reservado, cuja leitura só é permitida na Sede.

Do plano cultural para 1956-57, teremos:

Mensalmente, palestras ligeiras de carácter profissional, orientadas no sentido do aperfeiçoamento técnico do associado; passatempos artísticos para sócios e não sócios, em que actuarão os agrupamentos artísticos do Centro e outros cuja colaboração será pedida.

Também mensalmente, sempre que possível, conferências de divulgação de conhecimentos artísticos culturais e trimestralmente conferências em que focarão temas dedicados à história, cultura, comércio e indústria e agricultura da cidade e seu concelho.

Certame etno-folclórico, cujo regulamento já foi estabelecido e submetido à aprovação da F. N. A. T. Este Certame interessará todo o concelho de Guimarães e dele se procurará organizar um cancionero próprio e que permita a criação de um grupo folclórico verdadeiramente representativo de Guimarães.

Estudar-se-á ainda a possibilidade de organizar na presente época um ou mais concertos musicais, para sócios e não sócios.

Desportos: Não tem o Centro possibilidade de manter em permanente actividade todas as modalidades desportivas indicadas pela F. N. A. T.

O que se tem feito neste campo deve-se ao esforço individual e para já teremos de continuar a pedir aos seus cultores o sacrifício da continuação. Assim, a equipa de ténis de mesa vai entrar em treinos para a sua entrada no campeonato distrital da modalidade, organizado pela F. N. A. T. e se possível até ao Campeonato Nacional.

Concorrer-se-á ao campeonato de xadrez.

Abri-se-á um curso de xadrez, para todos os sócios que o queiram frequentar, o qual será dirigido por um competente xadrezista.

As Seções de Numismática e Filatelia continuarão as suas reuniões, podendo nas mesmas tomar parte todos quantos a essas modalidades se queiram dedicar.

Com a entrada da época de Inverno, entrarão em funcionamento todas as seções, estando marcado o dia 1 de Outubro para o começo de todas as actividades. A Sede abrirá e encerrará a horas convenientes e funcionará o *bufete*, salas de jogos. Recomeçam também os ensaios dos agrupamentos artísticos, a fim de que adquiram maior número de co-

nhecimentos dentro das modalidades a que se dedicam os associados. Abri-se-á a biblioteca, ultimamente reforçada com algumas dezenas de livros, destacando-se as obras de história pátria, a par de obras de ficção. Permitir-se-á a requisição das obras para leitura domiciliária, exceptuando as que pela sua natureza tenham carácter reservado, cuja leitura só é permitida na Sede.

Do plano cultural para 1956-57, teremos:

Mensalmente, palestras ligeiras de carácter profissional, orientadas no sentido do aperfeiçoamento técnico do associado; passatempos artísticos para sócios e não sócios, em que actuarão os agrupamentos artísticos do Centro e outros cuja colaboração será pedida.

Também mensalmente, sempre que possível, conferências de divulgação de conhecimentos artísticos culturais e trimestralmente conferências em que focarão temas dedicados à história, cultura, comércio e indústria e agricultura da cidade e seu concelho.

Certame etno-folclórico, cujo regulamento já foi estabelecido e submetido à aprovação da F. N. A. T. Este Certame interessará todo o concelho de Guimarães e dele se procurará organizar um cancionero próprio e que permita a criação de um grupo folclórico verdadeiramente representativo de Guimarães.

Estudar-se-á ainda a possibilidade de organizar na presente época um ou mais concertos musicais, para sócios e não sócios.

Desportos: Não tem o Centro possibilidade de manter em permanente actividade todas as modalidades desportivas indicadas pela F. N. A. T.

O que se tem feito neste campo deve-se ao esforço individual e para já teremos de continuar a pedir aos seus cultores o sacrifício da continuação. Assim, a equipa de ténis de mesa vai entrar em treinos para a sua entrada no campeonato distrital da modalidade, organizado pela F. N. A. T. e se possível até ao Campeonato Nacional.

Concorrer-se-á ao campeonato de xadrez.

Abri-se-á um curso de xadrez, para todos os sócios que o queiram frequentar, o qual será dirigido por um competente xadrezista.

As Seções de Numismática e Filatelia continuarão as suas reuniões, podendo nas mesmas tomar parte todos quantos a essas modalidades se queiram dedicar.

Com a entrada da época de Inverno, entrarão em funcionamento todas as seções, estando marcado o dia 1 de Outubro para o começo de todas as actividades. A Sede abrirá e encerrará a horas convenientes e funcionará o *bufete*, salas de jogos. Recomeçam também os ensaios dos agrupamentos artísticos, a fim de que adquiram maior número de co-

nhecimentos dentro das modalidades a que se dedicam os associados. Abri-se-á a biblioteca, ultimamente reforçada com algumas dezenas de livros, destacando-se as obras de história pátria, a par de obras de ficção. Permitir-se-á a requisição das obras para leitura domiciliária, exceptuando as que pela sua natureza tenham carácter reservado, cuja leitura só é permitida na Sede.

Do plano cultural para 1956-57, teremos:

Mensalmente, palestras ligeiras de carácter profissional, orientadas no sentido do aperfeiçoamento técnico do associado; passatempos artísticos para sócios e não sócios, em que actuarão os agrupamentos artísticos do Centro e outros cuja colaboração será pedida.

Também mensalmente, sempre que possível, conferências de divulgação de conhecimentos artísticos culturais e trimestralmente conferências em que focarão temas dedicados à história, cultura, comércio e indústria e agricultura da cidade e seu concelho.

Certame etno-folclórico, cujo regulamento já foi estabelecido e submetido à aprovação da F. N. A. T. Este Certame interessará todo o concelho

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 5, o nosso prezado amigo sr. José de Magalhães Sousa Bastos; no dia 8, o nosso prezado amigo sr. Adérito Fernandes de Oliveira Guimarães, industrial em Braga e a menina Emília Madalena, filha do sr. António Fernandes e da sr.ª D. Custódia Costa e neto do nosso bom amigo sr. José da Costa, de Covas; no dia 9, o sr. D. António Paço Vitorino e mademoiselle Maria Fernanda Lopes Pires, filha do nosso prezado amigo sr. Henrique Pires; no dia 10, a sr.ª D. Maria Augusta Monteiro Dias de Castro, esposa do nosso bom amigo sr. dr. Mário Dias Pinto de Castro, e os nossos prezados amigos srs. tenente-coronel Francisco Martins Ferreira, Arnaldo de Sousa Guise, dr. António Rodrigues da Rocha, Paulo Tiago Monteiro Dias de Castro, João Ribeiro Dias, Pedro de Sousa Carvalho e João Carvalho Martins; no dia 11, a sr.ª D. Francisca de Oliveira Abreu, mãe do nosso amigo sr. Manuel de Freitas, e o nosso prezado amigo sr. Manuel Fernandes, ausente no Brasil; no dia 12, os nossos prezados amigos srs. cap. Henrique Alberto de Sousa Guerra Júnior e Manuel Bastos; no dia 13, os nossos bons amigos srs. Manuel Joaquim Vieira da Cunha Machado (Teibão), eng.º Leonel Marques Rodrigues e o nosso amiguinho Francisco Albano Gonçalves Dias de Castro; no dia 14, os nossos prezados amigos srs. Vasco de Freitas Oliveira Basto e Rogério da Silva Crespo Guimarães e mademoiselle Maria Isaura de Freitas Costa.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Faz anos no próximo dia 11, a sr.ª D. Maria da Madre-de-Deus Almeida Ribeiro, estremosa esposa do nosso prezado amigo sr. José Torcato Ribeiro Júnior, conceituado industrial.

— Senhora dotada de um coração bondosíssimo, tem sabido ser o amparo de muitas pessoas que à sua generosa protecção recorrem.

Felicitando a bondosa senhora, fazemos votos pela continuação de sua preciosa saúde.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Celeste Rodrigues de Almeida Xavier, esposa do nosso bom amigo sr. António Joaquim Ribeiro Xavier. Mãe e filho estão bem. Parabéns.

Baptizado

No pretérito dia 28 de Setembro baptizou-se no templo da Misericórdia, servindo de paróquia de S. Paio, um filho da sr.ª D. Esperança da Cunha Guimarães Neves e do sr. Jorge Sequeira Neves, que recebeu o nome de Paulo António. Foram padrinhos os avós paternos, o sr. António Neves e sua esposa, sr.ª D. Maria Lídia Sequeira Neves.

Partidas e chegadas

Visitantes ilustres — De visita às obras de restauro do Paço dos Duques de Bragança, estiveram há dias nesta cidade os srs. eng.º Henrique Gomes da Silva, Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e architecto Vaz Martins, da mesma Repartição, que daqui seguiram para Miranda do Douro.

Cumprimentámos no domingo, nesta cidade, o distinto Pintor Carlos Carneiro.

— Com sua família tem estado nas suas propriedades das Pedras Alveiras, próximo desta cidade, o nosso querido amigo sr. dr. António Paúl.

— Com sua família regressou das suas propriedades de Pico de Regalados, o nosso prezado amigo sr. Mário de Sousa Meneses.

— Com sua família regressou de Vila do Conde, o nosso prezado amigo sr. Alberto Costa.

— Regressaram de Monsul os nossos prezados amigos srs. Padre José Carlos Simões de Almeida e Manuel da Costa Pedrosa, com sua esposa e de Fão o nosso prezado amigo sr. P.º Avelino Pinheiro Borda.

— Com sua família tem estado nas suas propriedades do Togado, em S. Torcato, o nosso prezado amigo sr. Rodrigo Fernandes Abreu.

— Com sua esposa tem estado nas suas propriedades do Corgo, em S. Torcato, o nosso prezado amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

— Regressou com sua família, a esta cidade, o nosso prezado amigo sr. Tenente Diamantino do Nascimento Morgado.

— Com sua família regressou de Cepães (Fafe), o nosso bom amigo sr. Domingos Cosme Baptista Vieira.

— Regressou, com sua família, de S. Martinho do Dume (Braga), o nosso prezado amigo sr. dr. Joaquim de Oliveira Torres.

— Com sua família regressou também de Tenões (Braga), o nosso prezado amigo sr. dr. João Fernandes de Freitas.

— Com suas famílias regressaram da Póvoa de Varzim, a esta cidade, os nossos prezados amigos srs. eng.º Alberto Costa, dr. Jorge da Costa Antunes, dr. João A. Mota Prego de Faria, Artur Manuel Santolha, Eduardo Lage Jordão, Oscar Avelino Pires, Francisco de Assis Ribeiro da Cunha, António Maria Ribeiro da Cunha, Francisco Correia Pinto Lisboa, Alfredo Correia Pinto Lisboa, Abílio Gonçalves, Jaime José Fernandes, Manuel C. Martins, Joaquim Teixeira, António Guilherme Saavedra, Aristides de Barros Ferreira, dr. Carlos Saraiva, Júlio Augusto de Magalhães Vasconcelos, dr. Gaspar Gomes Alves, Alberto Gomes Alves, Eduardo de Oliveira Machado, Amadeu de Oliveira Machado, António da Costa Pacheco, Plácido Pacheco de Miranda, Alexandre Teixeira da Silva, António Moreira Sampaio, António da Silva Xavier, M. Faria, Constantino da Costa Lameiras, Fernando Figueiredo, Adelino de Castro Costa, Paulo Ribeiro da Silva, Joaquim Ferreira, Fernando de Sousa Melo, Mário Gomes Alves, Aurolino Ferreira Alves, Simão Ribeiro de Almeida, Manuel Martins Ribeiro da Silva, João de Almeida Ribeiro, Arnaldo de Sousa Guise, Joaquim Pereira da Cunha, Francisco Fonseca Ferreira, António Carvalho, Jacinto José de Sousa Ribeiro, Armindo Ferreira da Cunha, Bento Ferreira da Cunha, Albino Fernandes, José da Silva Maia, António da Silva e Castro, Manuel Joaquim

da Cunha Machado, Alberto José Ribeiro, Humberto Dias Pereira, dr. Daniel Nunes de Sá, António Alberto Pimenta Machado, João Baptista de Sousa, António Teixeira de Sousa, Abel Machado Faria, Jacinto Teixeira, Alcindo Ferreira Martins, Fernando Ribeiro Martins Guerra, Joaquim Fernandes Marques, Sebastião Mendes, Benjamim de Matos, Patrício de Castro Henriques, José de Sousa Neves, Alberto Adelino Sampaio, António J. Gomes Cerqueira, dr. Francisco Moreira Sampaio, dr. Alberto M. Campos Moreira Sampaio, Amadeu C. Penafort, João Mendes de Oliveira, dr. Francisco Pinto Rodrigues, Heliodoro de Freitas Guimarães, Angelo de Sousa e Silva Madureira, Martinho da Silva, José Carvalho de Melo, Luís Mendes Lopes Cardoso, José Mendes da Costa Guimarães, Casimiro Fernandes, António Gomes da Costa, Manuel Simões Sobral, Amílcar Lopes, Francisco Alves da Silva Lobo, Jesualdo Mesquita Vieira de Andrade, Arnaldo Teixeira, João Xavier de Carvalho, Alípio Ribeiro Souzela, comendador Manuel Ferreira Barbosa, de Joane; comendador António Teixeira de Melo, de Ronfe; Altino da Cunha Guimarães e Joaquim Correia Gonçalves, de Ronfe; António Faria Martins, Alfredo Lopes Correia, Alfredo da Cunha Guimarães, Amadeu Torcato Ribeiro, Manuel Cosme Baptista Vieira, do Pevidém; Luis Gonzaga Rodrigues Machado, de Lordelo; Manuel João de Freitas Ribeiro de Faria e Manuel de Sousa Oliveira, de Vizela; José Ribeiro de Abreu, de Ponte de Serves; João Pereira de Magalhães, da Cuca; Capitão Francisco Martins Fernandes, Altino Dias Pereira, Alfredo Faria Martins, dr. João Eulálio Peixoto de Almeida, de Braga; Afonso Machado, Jerónimo Teixeira de Carvalho, Manuel Fernandes, Alberto da Silva Martins, Inácio da Fonseca Ferreira, Eduardo Mendes Jordão, Artur César dos Santos Pinheiro, José Simões Lopes, Manuel Alves de Oliveira, José Monteiro, António Augusto Martins Faria Torres, José de Oliveira, Feliciano de Oliveira, de S. Torcato; António da Silva Cardoso, de Aíró; João Leite Coelho de Lima, do Pevidém; José Teixeira, de Moreira de Cónegos; Joaquim Rodrigues de Araújo, de Carreira, Famaciação; Francisco Machado Ribeiro Guimarães, do Pevidém, João Afonso Xavier de Carvalho, José Feliciano Plácido Pereira e João Saavedra; e as sr.ªs D. Maria Irene de Sousa Martins, D. Maria da Madre-de-Deus Lobo de Carvalho, D. Rosa Teixeira de Freitas, D. Glória da Costa Leite e D. Eulália Couto.

— Partiu para Ponte do Lima, o nosso prezado amigo sr. Manuel Soares Moreira Guimarães.

— Com sua família regressou de Castelo Branco, o nosso prezado amigo sr. dr. J. Catanas Diogo.

— Regressou das Pedras Salgadas a Almada, o nosso bom amigo sr. Alberto Cardoso.

— Regressou de Francelos ao Porto, a sr.ª D. Lina Leite Guimarães.

— Regressou de Lisboa a sr.ª dr.ª D. Emília dos Santos Amaral Teixeira, ilustre Directora do Museu Alberto Sampaio.

— Tem estado entre nós, em gozo de licença, o nosso prezado amigo sr. José Soares Barbosa de Oliveira.

— Esteve entre nós o nosso prezado amigo sr. João de Freitas Barbosa de Oliveira.

— Regressou da Curia o nosso prezado amigo sr. António José Pereira Rodrigues.

— Regressaram de Lisboa os nossos prezados amigos srs. dr. Serafim Ferreira de Oliveira e Francisco José Ferreira de Oliveira.

— Regressou da Póvoa de Varzim ao Pevidém, o nosso bom amigo sr. João de Castro.

— Com sua família e já completamente restabelecido de seus incómodos, regressou de Nine (Famaciação) a S. Torcato, onde é professor, o nosso ilustre colaborador e prezado amigo sr. J. Martins de Lima.

— Com sua família regressou de Viana do Castelo, com sua família, o nosso prezado amigo sr. prof. Mário de Castro.

— Com sua família regressou das suas propriedades de Nespereira, o nosso prezado amigo sr. Gaspar Gonçalves Coelho.

— Com suas famílias regressaram da Póvoa de Varzim a Fafe, os nossos prezados amigos srs. J. A. Machado e Custódia Vila-Nova Guimarães.

— Das suas propriedades de S. Tiago de Candoso, regressou com sua família o nosso bom amigo sr. Luís Ribeiro Loureiro.

— Da Costa Nova a Aveiro regressou, com sua família, o nosso bom amigo sr. Manuel José da Costa Guimarães.

— Regressaram a esta cidade: de Vila Pouca de Aguiar, os nossos bons amigos srs. Fernando Lage Jordão e Alberto Joaquim de Freitas Saraiva e a sr.ª D. Maria da Glória Saraiva Pereira, com suas famílias; de Leça da Palmeira, os nossos prezados amigos srs. Arnaldo T. Poças Falcão e António Calres Pinto Madureira, com suas

SOARES — Cabeleireiro

Instituto de Beleza

manicura
pedicura
calista
cursos de ginástica infantil
tratamentos de beleza - bar - biblioteca - modas

669

R. Santo António — Guimarães

famílias; de Fão, o nosso bom amigo sr. António Lage Jordão e família; de Viana do Castelo, o nosso prezado amigo sr. Escultor António de Azevedo e esposa; da Póvoa de Varzim ao Porto, o nosso prezado amigo sr. Adrião Abílio Saraiva Martins; da Figueira da Foz, o nosso prezado amigo sr. António Ferreira de Oliveira.

— Partiu com sua família para as suas propriedades de Gandarela de Basto, a sr.ª D. Antónia Passos Teixeira Bastos.

— Partiu com sua família para as suas propriedades de S. Torcato, o nosso bom amigo sr. Isidro José Ferreira.

— Estiveram nesta cidade, na companhia do nosso querido amigo sr. Joaquim Novais Teixeira, os srs. Pintor António Carneiro, Etnólogo Eduardo de Oliveira e Cineasta Manuel de Oliveira, que muito apreciaram a nossa terra.

— Regressou de Caldelas o nosso prezado amigo sr. António d'Assunção Neves.

— Esteve nesta cidade o nosso querido amigo sr. José Torcato Ribeiro Júnior, residente em Estarreja.

— Tem estado com sua esposa nas suas propriedades em Batoucos, próximo desta cidade, o nosso prezado amigo e ilustre Director do «Jornal de Notícias» sr. M. Vaz Pacheco de Miranda.

— Deu-nos há dias o prazer de sua visita o nosso conterrâneo sr. dr. Eng.º Filipe de Paiva Faria Leite Brandão, ilustre Professor da Faculdade de Engenharia do Porto.

— Partiu para a Póvoa de Varzim a sr.ª D. Idalina Pereira de Freitas Pires, funcionária dos C. T. T. de Vizela.

— Esteve nesta cidade, com sua esposa, o nosso prezado amigo sr. João Pedro de Sousa Guise.

— Com sua família regressou da Covilhã o nosso prezado amigo sr. eng.º Joaquim Ferreira Leão.

— Regressaram da Curia os nossos prezados amigos srs. Fernando António de Almeida e Francisco Pereira da Silva Quintas.

— Regressou de Fátima o nosso prezado amigo rev. P.º José Fernandes Ribeiro.

Doentes
Comandante João de Paiva — No Hospital da Ordem do Carmo, onde se encontra há dias, foi ontem submetido a uma melindrosa intervenção cirúrgica, que nos informam ter decorrido com muito êxito, o nosso querido amigo sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão. Fazemos votos pelo breve e completo restabelecimento do ilustre enfermo.

— Tem passado doente o nosso prezado amigo sr. José André, que se encontra em tratamento no Hospital da Misericórdia.

— Tem estado doente a sr.ª D. Francisca Gonçalves de Oliveira, esposa do nosso prezado amigo sr. José de Oliveira.

— Tem estado gravemente enferma a esposa do nosso prezado amigo sr. Manuel Gomes de Oliveira.

— Encontra-se doente a sr.ª D. Vera Lopo Xavier Amaral, esposa do nosso prezado amigo sr. José Ferreira do Amaral.

— Na sua residência em Viseu tem estado algo doente a sr.ª D. Maria Margarida Teixeira Rua de Sousa, esposa do nosso bom amigo sr. Ezequiel de Sousa.

— Na 5.ª-feira e no Hospital da Misericórdia, foi submetida a uma operação, a menina Maria de Fátima, filha do nosso prezado amigo sr. José Luís Pires e de sua esposa a sr.ª D. Cacilda de Lima Pires.

— Tem passado doente a estimada filha do nosso prezado amigo sr. Major António J. T. de Miranda.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

De luto
Guarda luto pelo falecimento de sua sogra, o nosso prezado amigo sr. Francisco Duarte de Macedo, professor em S. Torcato, a quem apresentamos condolências.

DO PRODUTOR PARA A CHÁVENA

o melhor café é o da

BRASILEIRA

GUNTHER WAGNER-ESTABELECIMENTOS PELIKAN-HANNOVER, ALEMANHA

HARMONIA E ELEVACÃO

Assim como cavaleiro e cavalo formam um só corpo para o salto, também a caneta-tinteiro Pelikan forma harmónico conjunto com a mão que escreve.

Bem equilibrada de forma, peso e tamanho!

Máximo rendimento!

CANETA-TINTEIRO Pelikan

CASA DAS NOVIDADES FRANCISCO RIBEIRO DE CASTRO GUIMARAES

579

Vida Católica

Congregação de Maria Imaculada (Homens)
Realiza-se no próximo domingo, dia 18, na Basílica de S. Pedro, pelas 8 horas, a reunião mensal desta congregação, constando de missa rezada, terço, prática, comunhão geral e bênção do Santíssimo, seguindo-se a palestra de instrução religiosa.

Nossa Senhora de Fátima
Também como de costume haverá no próximo sábado, dia 13, a devoção mensal em honra de Nossa Senhora de Fátima, havendo na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, às 12,15, missa, terço, comunhão geral e bênção do Santíssimo.

Nas igrejas paroquiais de S. Sebastião e de S. Paio, pelas 8 horas, os habituais exercícios em honra de Nossa Senhora, bem como na igreja de S. Dâmaso e na capela de Nossa Senhora da Guia.

Atropelamento mortal
No lugar da Ribeira, freguesia de S. Martinho de Sande, deste concelho, na altura em que o menor de dois anos Alvaro Pina Ribeiro, filho de Adelino Ribeiro e de Branca Oliveira, atravessava a estrada, foi mortalmente atropelado pela camionete de passageiros B C 17-98, pertencente à Empresa da Auto Viação do Minho, da firma Esteves & Andrea, de Braga, que era conduzida pelo motorista Manuel dos Prazeres Dias.

Diversas Notícias
Serviço de Farmácias
Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do Laboratório Hórus, ao Largo do Toural, Telef. 4329.

Boletim do Notícias de Guimarães

CHÁS MEDICINAIS «HERBIS»

Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 4 Azia e má digestões	HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula
HERBIS N.º 2 Regularizador da circulação	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal
HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue	HERBIS N.º 6 Nervos e insónias	HERBIS N.º 10 Tónico do coração
	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga	HERBIS N.º 11 Laxativo suave

PACOTES DE 100 GRAMAS

Preparados exclusivamente com plantas medicinais segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

Antes de Viajar...

... consulte sempre a «Intercontinental» — e «poupará tempo, arrelias e dinheiro!»
A «Intercontinental» reúne secções especializadas de: Passagens de avião, navio e comboio, em qualquer companhia e para qualquer destino; Passaportes individuais e colectivos; Vistos consulares; Organização de excursões dentro e fora do país; Seguros e fotocópias; Moedas e notas de qualquer país; Papéis de crédito e cupões

Agência de viagens «INTERCONTINENTAL»

8, Rua Ramalho Ortigão — Telef. 20235 e 30011 — PORTO (Ao cimo da Av.ª dos Aliados) 528

DESPORTO

Homenagem aos obreiros de um êxito

É uma verdade incontestável que a época ainda em curso da equipa de Oquei do Vitória — e sejam quais forem os resultados da última eliminatória — ficará como um êxito sem reticências, absoluto. Ora, sendo assim e sendo também certo que esse êxito não é devido a favores da sorte, mas antes a um valor demonstrado por resultados muito eloquentes, necessariamente que há obreiros do sucesso da briosa equipa. E como os há justo é nesta altura chamá-los à ribalta, para que saibam que não os esqueçamos e para que recebamos o nosso muito obrigado de vimeanenses.

Vamos citá-los em ordem que não tem significado classificativo, pois, quanto a nós, não há maiores nem menores vencedores. Façamos primeiro dos rapazes que constituem a equipa:

Que exemplo de abnegação, de espírito de sacrifício e de amor ao Vitória se colheram em todos os jogos disputados!

Que prazer ver actuar o Magalhães, o Xavier, os Antunes, o Cesário, o Cunha Gonçalves e o Regadas! Que prazer sentir o seu frenez, a sua garra e a dedicação com que lutam pelo seu Vitória!!

Eles pertencem ao grupo dos obreiros do êxito e, por isso, aqui fica o seu nome, numa homenagem que bem merecem.

Todos foram iguais, iguaisinhos na generosidade com que distribuíram o seu esforço, mas não resistimos à tentação de citar um em especial, pela situação diferente dentro da equipa, como «técnico».

Referimo-nos, está bem de ver, a Cunha Gonçalves.

Está ali um elemento que pode servir de modelo a muitos outros, um indivíduo que justifica a sua posição com um esforço nunca regateado, com um suor generoso,

que traduz dedicação modelar pela equipa que serve.

A seguir cabe a vez a um homem a quem o Vitória deve já bastante: *Abílio Fernandes Novais*.

A sua citação aqui é um acto de justiça que não poderia deixar de ser praticado, porque ele foi, sem dúvida, também, dos Obreiros.

Já não falando em múltiplos porwenores da secção que este devotado vimeanense e vitoriano sempre cuida com um carinho especial, para se avaliar da justiça das palavras acima, bastará lembrar o quanto inteligente foi a política de um contacto periódico com equipas de primeiro plano que a secção adoptou e que permitiu à equipa uma endurance preciosíssima.

Por último citamos a Direcção do Vitória Sport Clube.

Ainda há dias, em conversa com o Abílio Novais, soubemos que o apoio que todos os Directores têm dispensado à Secção tem sido permanente e nunca regateado e, por isso, não pode esquecer-se o contributo que o mesmo teve, certamente, para o êxito.

A Direcção do Vitória é, portanto, mais um dos obreiros do triunfo e, por tal motivo, é credor dos nossos agradecimentos, sendo de esperar e desejar que mantenha a sua inteligente norma de conduta — o que temos como certo.

Por último e antes de terminar arriscamos uma sugestão:

Todos os desportistas vimeanenses se deveriam juntar numa homenagem pública à nossa equipa de hoquei. Forme-se uma comissão que conseguirá, certamente, os melhores resultados. Pela nossa parte, desde já lhe prometemos todo o apoio, que pode ser muito modesto, mas será dedicado até ao limite do possível.

F. RORIZ.

A Maratona do Futebol Nacional

Leixões, 5 — Vitória, 1

Sete equipas, separadas por dois pontos, lutam pelos três lugares de eleição

Assinalámos, no nosso último comentário, o êxito do Vitória, que ocupava o primeiro lugar isolado da classificação da Zona Norte. Dissemos então das dificuldades que existiam, para nele permanecer sossegado e permanentemente. Este ano, mais do que nunca, vai ser difícil alcançar um dos lugares que apura para a poule final. Sete equipas agrupam-se, distanciadas de dois pontos, estando o Vitória no meio delas a um ponto das primeiras e a um também das que se lhe seguem. Destas sete equipas umas mais do que outras se apetrecharam com o fim único de alcançarem um lugar de destaque e, por isso, a luta aparenta-se-nos renhida e incerta até ao final desta poule de apuramento.

Felizmente o Vitória, este ano, não descolou do pelotão da frente e assim acompanha com mais tranquilidade todos os outros concorrentes, esperando um momento de êxito para se destacar. Parece-nos que a equipa tem capacidade para tal, embora, até agora, não tenha podido recrutar os reforços que estão em mente dos seus responsáveis.

No jogo de Matozinhos a equipa vimeanense não teve a sorte por seu lado. E' fora de toda a controversia, o raciocínio que se tem seguido sobre o desenrolar do encontro.

A equipa do Vitória assinalou a maior parte do jogo com uma exibição, que se pode dar como agradável. Em toda a primeira parte o jogo esteve na mão do Vitória e somente, depois de decorridos vinte minutos do segundo tempo, é que um colapso da defesa mudou o rumo dos acontecimentos e provocou uma derrota estrondosa.

Temos de encerrar o decorrer deste jogo, como ele na realidade foi, pois temos ouvido sobre ele comentários, que se afastam muito da verdadeira realidade. A equipa do Vitória não claudicou pela sua linha ofensiva, como se tem afirmado em acusações injustas. A exibição do guarda-redes do Leixões, apontado como dos melhores dos seus elementos, justifica plenamente a nossa asserção. Desta vez falhou na equipa, aquilo que é apontado como seu ponto forte — a sua defesa. E isto acontece, embora raramente, da maneira como ocorreu — sofrer 4 golos no período de dez minutos (aos 25, aos 30, aos 32 e aos 35) é caso raro e que se pode justificar por sorte verdadeiramente adversa.

Entretanto merece uma referência, pela sua excepcional exibição, o médio Cesário, que foi figura em evidência durante todo o encontro.

Ficha do jogo — Vitória: Lobato, Virgílio e Costa; Cesário, Silveira e Bibellino; Bártolo, Artur, Rola, Berdejo e Bengé. Leixões: Martin, Fragata e Joaquim; Santana, Pacheco e Rail; Romão, Oliveira, Correia, Daira e Nunes. Arbitrou Eduardo Neves, de Viseu.

Na primeira parte 1-1, golos de Nunes e Bártolo, respectivamente, para o Leixões e Vitória. No se-

gundo tempo, golos consecutivos de Correia, Romão, Nunes e Oliveira, para o Leixões, a estabelecer o resultado final de 5-1.

Resultados gerais da jornada: Leixões, 5 - Vitória, 1; Marinhense, 1 - Boavista, 3; Braga, 0 - Salgueiros, 1; Sanjoanense, 4 - Tirsense, 2; Espinho, 0 - Gil Vicente, 0; Chaves, 7 - Peniche, 2 e U. Coimbra, 1 - Vianense, 2.

A jornada de hoje comporta os seguintes encontros: Vitória-Chaves; Boavista-U. Coimbra; Salgueiros - Marinhense; Tirsense - Braga; Gil Vicente - Sanjoanense; Peniche-Espinho e Vianense-Leixões.

O Vitória, defrontando a equipa de Trás-os-Montes, é dado como favorito do encontro. A sua maior capacidade é a base deste nosso prognóstico; porém estes jogos são sempre susceptíveis de surpresas e por isso é necessário o maior cuidado por parte dos jogadores e o melhor apoio por parte dos adeptos.

L. R.

Hoquei em Patins

Voltaram a ter êxito as equipas minhotas que participaram na poule de apuramento para o Campeonato Nacional. O Famalicense perdeu com o F. C. Porto, no Porto, por 4-3 e triunfou no seu Rink por 4-1; o Vitória teve trabalho mais laborioso, tendo triunfado na Amadora, por 8-5, perdido em Vila Nova de Gaia, por 4-1 e vencido novamente no seu Rink por 10-2, o Clube de Hoquei dos Carvalhos.

As exhibições do Vitória voltaram a agradar plenamente aos seus adeptos, que agora estão a frequentar o Rink da Amadora em grande número. No primeiro jogo, depois de nos primeiros minutos sofrerem 3-0, os vimeanenses recuperaram belamente e, demonstrando boa capacidade, triunfaram por três tentos de vantagem, com o resultado de 8-5. No segundo encontro, realizado no Rink do Vilanovense, em Vila Nova de Gaia, numa noite de chuva copiosa e debaixo de um ambiente que fez lembrar a passagem de Alves Barbosa pelos Carvalhos, a equipa vimeanense não deu a noção exacta do seu valor, vindo a perder o jogo por 4-1, mas impoñdo a necessidade de terceiro encontro. Neste último jogo, realizado novamente em Guimarães, por imposição do sorteio, a equipa vimeanense exibiu-se de modo a entusiasmar todos aqueles que assistiram ao encontro e ainda deu aos seus visitantes uma lição de dignidade desportiva, que é bom que os mesmos aproveitem.

Estes êxitos da equipa do Vitória lançam-na com projecção na modalidade, onde o desporto português tem obtido os maiores triunfos. De facto, o conjunto do Vitória apresenta no momento um valor que o destaca e que chama as atenções gerais. Somente mais uma eliminatória falta para se alcançar

CASA DAS NOVIDADES

Francisco Ribeiro de Castro

RUA DA RAINHA Telef. 4350 GUIMARÃES

Esta Casa participa aos seus estimados clientes e amigos que, a exemplo dos anos anteriores, está devidamente sortida em todos os ARTIGOS DE LIVRARIA E PAPELARIA, estando apta a servi-los dentro das melhores condições.

CANETAS DE TINTA PERMANENTE e PASTAS PARA ESTUDANTES — O mais completo sortido para todas as qualidades e preços. Vendas a pronto e a prestações com bônus.

TUDO PARA ESCOLAS, COLÉGIOS E LICEUS.

ALTO, SR. PROPRIETÁRIO!

Nas s/ compras de TUBOS GALVANIZADOS exija e verifique que sejam de parede normal. A aquisição de tubos de parede reduzida vai agravar-lhe o orçamento. Consulte-nos e nós o provaremos. Uma única Firma deste concelho importa directamente TUBOS GALVANIZADOS e garante o que vende porque sabe o que compra.

Em TUBOS GALVANIZADOS... ALTO! Em GUIMARÃES... SÓ

A Competidora de Representações, L.º RUA DA RAINHA N.º 115 — TELEF. 4525 8

Leilão de Penhores

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Providência

Casa de Crédito Popular Agência n.º 69 GUIMARÃES

Avisam-se os mutuários que no dia 13 de Novembro próximo futuro, pelas 14 horas, se procederá na Filial da Caixa Geral de Depósitos, em Braga, ao leilão de penhores cujos contratos tenham o pagamento de juros em atraso mais de três meses.

A Agência receberá juros em dívida até ao dia 8 do referido mês.

Repartição da Casa de Crédito Popular, em 29 de Agosto de 1956.

O Chefe da Repartição, a) Carlos Mendonça. 575

Novo colaborador

Publicamos hoje um artigo do sr. Fernando Roriz que, por sua iniciativa, principia a colaborar na secção desportiva deste jornal. Este novo colaborador, que é correspondente do jornal «Record» na nossa cidade, vem deste modo enriquecer esta secção, integrando-se na linha de rumo, que traçamos para o desenvolvimento do desporto da nossa Terra.

De Covas

EXPEDIENTE

«Rancho Folclórico de Vizela»

Deixou a mais agradável impressão entre nós, o novel «Rancho Folclórico de Vizela», composto de 12 pares, jovens e graciosos. Os dirigentes deste agrupamento podem orgulhar-se, tanto mais que só apenas há dois meses é que começaram os ensaios, com vista à sua primeira exibição.

A bandeira, toda em seda, e a vistosa indumentária do rancho importou em alguns milhares de escudos. As despesas têm sido suportadas pelo industrial vizelense sr. Joaquim de Sousa Oliveira.

Rectificação

Na nossa última carta e sob o título «Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão» saiu na parte final o seguinte: «...pelas referências que lhe fizemos — aliás justíssimas — em nossa última correspondência em vez de: «...em nossa antepenúltima correspondência».

Por que se espera?

Há tempos informaram-nos de que uma comissão de paroquianos da progressiva freguesia de Polvoeira trabalhava em prol duma capela paroquial para servir a parte baixa da freguesia, a mais populosa. Mais nos informaram que já têm ao seu dispor alguma pedra e o necessário terreno.

Na verdade, a maior parte dos paroquianos desta freguesia reside neste sítio e não se utilizam da igreja da sua paróquia em virtude de ficar a uns dois quilómetros e terem de se utilizar de caminhos quase intransitáveis.

O terreno é oferecido pelo industrial local sr. Adolfo Esteves Pereira e num óptimo local — no lugar das Casas Amarelas — junto à E. N. — Mãos à obra, senhores!...

Notícias pessoais

Com sua família encontra-se nesta aldeia o nosso bom amigo sr. Armando da Silva Paúl.

— Depois de ter passado uma temporada nesta localidade com seus filhinhos regressou à Covilhã a nossa conterrânea sr.ª D. Camila Teixeira da S. Ferreira.

— Regressaram com suas famílias da Póvoa de Varzim os nossos prezados amigos srs. Adérito da Cunha e Silva, Narciso Pereira Mendes e José do Valle.

— Faz hoje a sua primeira comunhão o menino Custódio Teixeira, filho do nosso bom amigo sr. António Teixeira e de sua esposa a sr.ª D. Maria Adelaide Teixeira. — C.

A ABERTURA DA CAÇA

É o nosso hábito dedicarmos duas palavras, duas simples palavras de saudação, aos caçadores do nosso concelho, nesta data em que se abre mais uma época venatória.

Dado o grande número de ade-

dia da abertura da caça ficou assinalado pelo número elevado de peças abatidas. Os nossos caçadores deram-se por satisfeitos e recolheram à noite às suas casas, contentes com a prática da modalidade



Um grupo de caçadores vimeanenses com as espécies abatidas durante a manhã do seu primeiro dia de caça

ptos da cinegética que existem no nosso meio, nos parece que este desporto é um dos mais activos no nosso concelho. E segundo sabemos, cada vez mais o número de caçadores vem aumentando, o que se por um lado faz escassear as espécies a abater, por outro demonstra as virtudes da modalidade que, pelos seus atractivos, conquista dia a dia mais dedicados praticantes.

Segundo as informações que colhemos e até por aquilo que verificamos pessoalmente, este ano o

que tiveram. Para o êxito obtido contribuiu, segundo o que nos disseram, o trabalho cuidado da Comissão Venatória Concelhia que, com uma fiscalização rigorosa, permitiu a profícua criação das espécies cinegéticas que puderam ser abatidas.

Assim, nesta nossa saudação habitual, desejamos aos nossos caçadores, uma época produtiva, continuadora do belo dia que constituiu a abertura da caça nos diversos montados do nosso concelho.



Nem às paredes confesso As minhas desilusões. Até parece mentira Os cinco golos que apanhamos, sem contar, da malta do Leixões!... (o quarto verso tem sílabas a mais, mas mesmo assim está certo e até rima)

Para boas pinturas são precisas

- Boas tintas
- Bom óleo de linhaça
- Boa água raz
- Bons esmaltes
- Boas Trinchas

PREFIRA A CASA

JOSÉ MÁRIO MATOS

Telf. 40340 — RUA DA RAINHA, 141

544

NENHUMA DÚVIDA NA ESCOLHA

quando a segurança da instalação eléctrica de V. Ex.ª está em jogo...

Só J. MONTENEGRO lhe proporcionará as melhores montagens, com electricistas devidamente habilitados.

— TUDO PARA ELECTRICIDADE — Largo 28 de Maio, 78-1.º — Telef. 4510 — Guimarães

Assina o NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

SOFRE DOS CALOS?

Não perca tempo e dinheiro com deslocções a outras terras para os tratar! Trate-os em Guimarães, no Largo Condessa do Juncal, 27-1.º. Telefone 40471. 17